REVISTA DO ALUNO

EXPRESSÃO

CURRÍCULO CULTURA CRISTÃ

MATERIAL DE APOIO PARA O FUNCIONAMENTO DE PEQUENOS GRUPOS, CLASSES DE DISCIPULADO OU ESCOLA DOMINICAL

IGREJAS EM APUROS

Lições das sete igrejas do Apocalipse

1

O CRISTIANISMO AMEAÇADO

Ataques de dentro e de fora

(Introdução às cartas do Apocalipse)

Atos 18.24–20.38

Para ler e meditar durante a semana

D – At 18.14-18 – Início da terceira viagem; **S** – At 19.1-40 – Ministério e desafios em Éfeso; **T** – At 20.1-38 – Tumultos e ensino da Palavra; **Q** – At 21.1-40 – Prisões e testemunho; **Q** – At 22.1-30 – Judeu e romano; **S** – At 23.1-35 – O ódio dos judeus contra Paulo; **S** – At 24.1-27 – Inculpável, porém acusado

INTRODUÇÃO

As histórias que lemos no livro de Atos nos revelam a plataforma de missões que se espalhou pelo mundo antigo, a começar pelos apóstolos e discípulos de Jesus enviados até aos confins da terra (Mt 28.19; At 1.8). As três viagens missionárias de Paulo e seus companheiros e as cartas gerais nos revelam como as igrejas se consolidaram no mundo antigo, tanto em Jerusalém como na Macedônia e na Ásia Menor. As sete igrejas que receberam cartas em Apocalipse se localizavam no lado oeste da Ásia.

I. AS VIAGENS DE PAULO ATÉ ÉFESO

Há duas ocasiões principais que dividem os estudiosos quanto à data de composição de Apocalipse. São elas: nos tempos de Nero, em 64 d.C., ou de Domiciano, em 95 d.C. A segunda possibilidade é a que assumimos neste estudo, em razão de Apocalipse nos dar a entender que as igrejas já estavam sofrendo perseguição, tanto por parte de judeus como também de romanos. E não existe qualquer prova que confirme perseguição cristã nos tempos de Nero na Ásia Menor.

Sendo assim, há um intervalo de mais ou menos três décadas entre as missões apostólicas e as cartas de Apocalipse. Tudo nos leva a crer que João tenha sido o último apóstolo a morrer, exilado em Patmos, uma ilha rochosa que servia de

colônia do Império Romano para escravos e prisioneiros. Se Paulo e os demais apóstolos levaram a primeira geração de cristãos à fé, João escreve para a segunda geração e, pelo conteúdo das sete cartas, podemos deduzir que a qualidade da fidelidade dos cristãos já havia caído. Apenas as igrejas de Esmirna e Filadélfia não recebem reprovação, ao passo que Sardes e Laodiceia não recebem qualquer elogio. As outras recebem elogios e repreensões, conforme veremos nas lições a seguir.

No final de sua segunda viagem missionária, Paulo passou por Éfeso (At 18.19) e lá deixou seus colaboradores Áquila e Priscila para evangelizar. Nessa ocasião, ele não permaneceu ali muito tempo, pois queria chegar a Jerusalém, provavelmente por causa do voto que fizera (18.18). Ele já havia tentado desembarcar na Ásia, chegando a contornar Mísia (a região das sete igrejas), porém, tinha sido impedido de prosseguir pelo Espírito Santo, que o conduziu a Trôade. Ali teve a visão com o pedido para que fosse à Macedônia (At 16.6-9). Éfeso se torna uma cidade privilegiada, porque, além de Áquila e Priscila, recebeu um judeu, pregador fervoroso, chamado Apolo e, com algumas orientações e correções feitas pelos seus novos amigos, foi instrumento de Deus naquela igreja recém-iniciada. Mas ele também não permaneceu muito tempo e foi para Corinto.

Paulo havia prometido que, *se Deus quisesse*, retornaria para estar com os efésios (At 18.21). Deus assim o quis. Enquanto Apolo viajava para Corinto, Paulo ia para Éfeso. Essa cidade se tornou o seu centro de operações, de onde a pregação do evangelho se espalhou por toda a Ásia Menor. Não temos informações de que Paulo tenha visitado outras igrejas de Apocalipse. Provavelmente não. Mas, certamente, foi por meio do seu ministério em Éfeso que a luz de Cristo irradiou por aquelas cidades. Veremos na lição 3 maiores detalhes da importância dessa cidade, mas, por hora, vale mencionar que Éfeso era considerada pelos romanos, conforme Kistemaker, "capital da província da Ásia" (a atual Turquia ocidental) (*Atos*, vol.2. Comentário do Novo Testamento. Cultura Cristã, p. 242).

II. O MINISTÉRIO DE PAULO EM ÉFESO

Paulo começou seu ministério em Éfeso, como fazia regularmente em suas viagens missionárias, pregando e visitando sinagogas, o que aconteceu por três meses (At 19.8). Sempre foi sua preocupação falar de Jesus primeiro aos seus compatriotas (At 13.14,43; 14.1; 17.1-2,10,17; 18.4), visto que não negava o amor que tinha por eles e o profundo desejo de que viessem a crer no evangelho e fossem salvos (Rm 9.1-5; 10.1-2). Depois, Paulo se concentrou na escola de Tirano, onde começou um discipulado que durou dois anos (At 19.9). Enquanto Atenas era o centro intelectual (At 17) do mundo antigo e Corinto era o centro comercial (At 18), Éfeso era o centro religioso (At 19).

Atos 19.8-9 relata que Paulo "falava ousadamente, dissertando e persuadindo" os judeus sobre o "reino de Deus", mas ele encontrou uma oposição insuperável e, por isso, foi para a escola de Tirano, onde *discorria diariamente*. Paulo apresentava o evangelho de maneira equilibrada, séria, racional, estruturada, convincente e lógica. Ele depositava sua fé no evangelho e não tinha qualquer constrangimento em apresentá-lo como a verdade absoluta aos seus ouvintes.

Paulo ficou quase três anos em Éfeso, dois deles na escola de Tirano. Sua rotina começava às 11h00 e ia até às16h00. Considerando o que Lucas nos informa em Atos 19.10, podemos deduzir que, realmente, Éfeso tenha sido o ponto de partida para as demais igrejas espalhadas na Ásia Menor: "[...] dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos".

Essa dedução se confirma pelas informações que coletamos das outras cartas de Paulo, como aos Colossenses, em que ele menciona os laodicences, irmãos por quem ele também estava enfrentando lutas pessoais (Cl 2.1). Seu carinho pastoral se revela no cuidado em lembrar aos colossenses que aquela mesma carta fosse enviada também a Laodiceia: "[...] uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodiceia, lede-a igualmente perante vós" (Cl 4.16). Epafras, colaborador do mesmo ministério, era o encarregado de fazer chegar aos laodicenses aquela carta

(Cl 4.12-13). Além disso, antes de partir para a Macedônia, Lucas nos informa que Trófimo, um novo convertido, também era oriundo da Ásia, a mesma região das igrejas do Apocalipse (At 20.4).

Sendo assim, fica claro que Paulo recebeu sabedoria de Deus para fazer de Éfeso o seu centro de operações, de onde organizou as missões que se espalharam pela Mísia. Em Éfeso, Paulo deixou Timóteo como seu sucessor. Depois dele, João deu continuidade àquele ministério.

III. CONTEXTO: COMPARAÇÃO ENTRE ATOS E APOCALIPSE

As diferenças entre os livros de Atos e Apocalipse, no entanto, são notáveis. O contexto havia mudado bastante, especialmente considerando a queda e destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C. Se em Atos os cristãos enfrentam forte tensão por parte dos judeus, em Apocalipse a perseguição piora, pois os cristãos passam a ser vistos como ameaça tanto para os judeus como para os romanos.

No contexto de Atos, os cristãos não enfrentavam oposição dos romanos porque eram vistos como uma seita judaica, e, até a revolta de 66-70 d.C., os judeus usufruíram de paz com o Império. Enquanto pagassem os impostos estariam desobrigados de participar dos cultos greco-romanos e de adorar os seus deuses. Os cristãos se beneficiavam disso, porém, desde o início, os judeus nunca foram pacíficos com eles e desejavam que fossem completamente desvinculados da sinagoga. Conforme Osborne, o "judaísmo [...] queria cada vez mais se separar do cristianismo e fazer o Império Romano reconhecer que o cristianismo não estava isento da obrigatoriedade do culto ao imperador" (*Apocalipse*. São Paulo: Vida Nova, p. 12).

Porém, essa estratégia não era nova. Por que os fariseus e os *herodianos* foram até Jesus para tentar apanhá-lo em alguma palavra? (Mc 12.13) Ora, os fariseus odiavam os herodianos, mas não mais do que odiavam Jesus. Os judeus estavam dispostos a se unirem aos romanos, se isso colaborasse para eliminar Jesus. Foi por isso que bradaram perante Pilatos: "Fora! Fora! Crucifica-o!". A resposta de Pilatos foi: "Hei de crucificar o vosso rei?" E os principais sacerdotes disseram: "Não temos rei, senão César!" (Jo 19.15). Convenceram Pilatos a manter Jesus

preso e ser julgado, ainda que o procurador estivesse persuadido da inocência do nosso Mestre. Se ele assim não fizesse, os judeus o acusariam de infidelidade a César (Jo 19.12-13).

O que os judeus fizeram com os cristãos, após a ressurreição e ascensão de nosso Senhor, não foi diferente. Fizeram de tudo para deixá-los completamente desabrigados, para serem perseguidos e destruídos. Paulo persuadiu os governantes romanos de que era judeu (At 21.39), porém, sua história só despertava ainda mais furor por parte dos seus compatriotas, especialmente quando ele apontou que a esperança de salvação também se estendia para os gentios (At 22.22). Em linguagem bajuladora, cheia de malícia, um judeu chamado Tértulo se apresentou perante Félix e o elogiou pelos seus grandes feitos em benefício dos judeus (At 24.2-3), e apresentou Paulo como uma "peste" que provocava "sedições" entre os judeus (At 24.5).

Portanto, deixar os cristãos por conta própria sempre foi a estratégia dos judeus no século 1º. Uma vez que não conseguiam destruí-los, quem sabe seus inimigos conseguissem. Tentaram praticar a máxima *o inimigo do meu inimigo é o meu amigo*. Isso não funcionou, porque os romanos não deixaram de ser seus inimigos e porque a igreja de Cristo continuou crescendo, espalhando-se e fortalecendo-se.

"Sinagoga de Satanás", apelido dos perseguidores mencionados nas cartas a Esmirna e Filadélfia, sugere que os judeus continuavam a perseguir os cristãos, mesmo após sua derrota em Jerusalém. Mas o livro de Apocalipse nos leva a enxergar além desse cenário horizontal, abrindo para nós pequenas brechas para espiarmos os bastidores das batalhas espirituais, para vermos as investidas satânicas que tentam destruir a igreja e blasfemam o nome de Jesus e, ao mesmo tempo, para vermos o controle e a soberania de Deus sobre o mundo. Atos também se ocupa de nos mostrar como o poder extraordinário de Deus atua na História, mas Apocalipse enfatiza mais o invisível. John Stott faz uma bela e ilustrativa comparação. "Em Atos, Lucas relata o que aconteceu no palco da História diante dos olhos dos observadores; em Apocalipse, João nos faz ver as

forças ocultas trabalhando. Em Atos, seres humanos se opõem à igreja e a corrompem; em Apocalipse, a cortina se levanta e vemos a hostilidade do diabo em pessoa, descrito como o enorme dragão vermelho, ajudado por dois monstros grotescos e uma prostituta lasciva. Na verdade, o Apocalipse traz uma visão da batalha milenar entre o Cordeiro e o dragão; Cristo e Satanás; Jerusalém, a cidade santa, e Babilônia, a grande cidade; a igreja e o mundo. Além disso, dificilmente seria uma coincidência o fato de o simbolismo dos três aliados do dragão, em Apocalipse, corresponderem às três armas do diabo levantadas contra a igreja nos primeiros capítulos de Atos, ou sejam, a perseguição, o comprometimento moral e o perigo da exposição ao falso ensino, quando os apóstolos foram desviados de sua principal responsabilidade: 'o ministério da Palavra e oração'" (*A mensagem de Atos*. ABU, p.98).

CONCLUSÃO

Em meio a sangue, morte e perseguição, a igreja militante prosseguiu marchando, a despeito das ameaças, deixando evidente que a sua esperança em Cristo a tornaria a igreja triunfante. Banhada na glória de seu mestre, ela não retrocederia jamais diante de qualquer perigo real. Ainda que muitas vezes vacilante, a igreja de Cristo prossegue porque está fundamentada e fortalecida em seu Senhor.

APLICAÇÃO

Não temos justificativas válidas para não testemunharmos de Jesus no Brasil. Enquanto os nossos irmãos do passado enfrentavam tantas e diversas oposições, ainda assim pregavam perseverantemente a Cristo. Que esses testemunhos o motivem e encorajem a falar de Jesus, a despeito dos desafios que você tenha de enfrentar.

2

REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO

O sofrimento e a vitória final de seu povo

Apocalipse 1

Para ler e meditar durante a semana
D – Sl 2 – O reinado do Messias; **S** – Zc 3 – O sumo sacerdote Josué; **T** – Ef 4. 1-16 – A unidade do Espírito; **Q** – Zc 4 – O candelabro de ouro; **Q** – Dn 7. 1-8 – O sonho sobre os quatro animais; **S** – Rm 13. 11-14 – O dia está próximo; **S** – Dn 7. 9-27 – As visões de Daniel

INTRODUÇÃO

"Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João" (Ap 1.1). Apocalipse é a primeira palavra que aparece no livro. Significa "desvelar", "tirar o véu" ou "revelação". Esse é o mesmo radical grego usado na Septuaginta [tradução da Bíblia Hebraica para o grego] de Levítico 18.6-19 para o descobrimento da nudez. Apocalipse não é apenas, como comumente imaginamos, o registro de eventos sobre destruição, tais como desastres naturais ou barbáries. Antes, o livro contém a exposição da mensagem de Deus e de seu Reino. Contudo, quem é capaz de revelá-la? No capítulo 5, João chora por perceber que ninguém foi achado digno de abrir o livro e quebrar os selos. A resposta de um dos anciãos foi: "Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos" (Ap 5.5). Temos aqui, portanto, a revelação do Messias da linhagem real de Davi, o Leão da Tribo de Judá.

A forma apocalíptica era um tipo específico de literatura que se tornou popular na visão de mundo judaica do século 2º a.C. A literatura profética do Antigo Testamento, tais como os escritos de Daniel, Ezequiel, Isaías, Zacarias e Salmos era o material usado para compor esse gênero apocalíptico. Uma das características dessa literatura é a de um visionário que relata como recebeu uma

revelação de Deus. N.T. Wright escreve: “Revelação – a ideia, e este livro – é baseada na antiga crença judaica em que a esfera de ser e operação de Deus (‘céu’) e nossa esfera (‘terra’) não são, afinal, separados por um grande abismo” (*Revelation for Everyone*. John Knox Press, p.3). Isso quer dizer que Deus está presente e continua agindo na História. O Deus de Israel não está em silêncio, antes, deu autoridade a Jesus Cristo para “mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João, o qual atestou a Palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu” (Ap 1.1-2).

I. FELIZES OS QUE LEEM E OS QUE OUVEM

João descreve a si mesmo como servo que dá *testemunho* da Palavra de Deus, de onde vem a palavra *mártir*. Nesse sentido, o testemunho cristão envolve viver disposto ao julgamento, ao sofrimento e à morte para testemunhar da ressureição de Jesus Cristo às nações (Fp 3.10-11).

No verso 3, João escreve a primeira das sete bem-aventuranças presentes no livro (1.3; 14.13; 16.15; 19.9; 20.6; 22.7,14). João descreve seu livro como uma profecia, um termo que ele repete sete vezes. A referência é ao texto escrito que João produz (1.3; 22.7,10,18-19). Como essa profecia deveria ser lida publicamente em voz alta nas igrejas da Ásia, felizes serão os que derem ouvidos à revelação do reino de Deus. Nesse contexto, profecia não se refere à predição de eventos futuros, mas à procedência divina dessa revelação. João é o profeta que tem acesso ao conselho secreto de Deus. Ele olha por detrás do véu e dá testemunho do que viu e ouviu.

João escreve que “o tempo está próximo” (v.3). Ele se refere assim a uma profecia do futuro próximo, um anúncio de que o fim também é um novo começo, ou seja, o anúncio de algo que já aconteceu, o nascer de um novo mundo que teve seu início na ressureição do Messias e está a caminho da consumação (1Co 15.24-25).

II. SAUDAÇÃO ÀS SETE IGREJAS DA ÁSIA

Além de ser literatura apocalíptica e profética, o terceiro gênero literário do livro é epistolar. João se dirige "às sete igrejas que se encontram na Ásia" (Ap 1.4). Os destinatários da carta que recebem a bênção (v.4-8) são igrejas dos "confins da terra", como anunciado na missão apostólica: "Sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (At 1.8). Ou seja, são igrejas em território gentílico.

A bênção é proveniente "da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono" (Ap 1.4). A primeira parte da bênção, provavelmente, faz uma referência ao Deus Pai, o começo, o meio e o fim de todas as coisas. Os sete Espíritos fazem referência aqui ao Espírito do Senhor na visão de Zacarias (4.1-14). Nesse sentido, o número sete significa plenitude, estando o Espírito de Cristo plenamente presente, enchendo todas as coisas. O apóstolo Paulo esclarece isso ao escrever aos efésios a respeito daquele "que desceu sendo também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas" (Ef 4.10).

O objetivo da carta, portanto, é apresentar Jesus Cristo como "a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra" (Ap 1.5). Ademais, apresentar o Messias de Israel como aquele "[...] que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai [...]" (Ap 1.5-6). Isto é, apresentar Jesus como o Noivo que nos ama, Redentor e Sacrifício pelos nossos pecados, Rei deste novo reino e Sacerdote que nos convida a participar com ele de seu domínio, glorificando ao Deus e Pai por toda a eternidade.

O verso 7 pode ser considerado o tema do livro, a sua vinda gloriosa e o seu triunfo final. No Antigo Testamento, Daniel fala de suas visões a esse respeito (Dn 7.13-14). Não é mais César ou Domiciano, nem qualquer outro "senhor" que reina. No mundo mediterrâneo, o imperador era considerado o senhor do mundo, aquele que exigia submissão e lealdade de seus súditos por todo o império. Quando ele fazia, pessoalmente, uma visita oficial a uma colônia ou província, a palavra para sua presença real era *parousia*, que significa visitação.

Jesus é o verdadeiro soberano sobre as nações (Fp 2.9-11). No dia da sua visitação, todos os que não se prostrarem ante o crucificado (Sl 2), transpassado pelas nossas transgressões, se lamentarão por causa dele (Zc 12.10). Quem afirma isso é o "Alfa e o Ômega", referência à primeira e à última letra do alfabeto grego, demonstrando que o plano do Todo-Poderoso se concretizará, porque "estas palavras são fiéis e verdadeiras" (Ap 22.6).

III. A VISÃO DE JESUS RESSURRETO

João se apresenta como "irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus" (Ap 1.9). É de suma importância observar o pano de fundo da escrita desse livro. O autor está exilado na ilha de Patmos "[...] por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus" (Ap 1.9) e escreve uma carta circular às igrejas da Ásia que estão passando por dificuldades derivadas de perseguições. João os conforta, anima, repreende e, principalmente, os encoraja ao testemunhar suas visões da realidade divina que já entrou no tempo presente e entrará definitivamente neste mundo no futuro.

Sua visão se dá no dia do Senhor, possível referência aos encontros dos primeiros cristãos no domingo, primeiro dia da semana, como sinal da ressurreição e da nova criação. João estava no Espírito, isto é, provavelmente liderando o serviço de adoração ao Senhor, quando, diante da assembleia, Jesus o chama e lhe ordena que escreva suas visões em um livro e o envie às sete igrejas.

Ao virar-se, João descreve a sua visão do Jesus ressurreto. A linguagem descritiva de João é de tirar o fôlego. As imagens vívidas dessa revelação fazem alusão a diversos elementos presentes no Antigo Testamento, e o próprio Jesus retira o véu de sobre alguns mistérios (v.20) para nos auxiliar na compreensão das coisas que João viu, "as que são, e as que hão de acontecer depois destas" (v.19).

Antes que João veja Jesus no meio dos candeeiros, ele vê os próprios candeeiros, que representam as sete igrejas (v.20). Percebe-se que a primeira visão é um vislumbre da igreja, uma visão dos candeeiros, não do guardião dos candeeiros. O ponto aqui é que chegamos a conhecer Jesus quando, primeiro,

conhecemos seu corpo visível no mundo. Neste lugar que nos remete ao tabernáculo ou ao templo está "um semelhante a filho de homem, com vestes talares e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força" (v.13-16). Jesus está presente com e na igreja, sustentando-a e intercedendo por ela, fazendo com que sua chama não se apague (Zc 4.1-2). Como afirma Austin Farrer: "Jesus é o vaso de óleo que abastece as lâmpadas. Ele é o ungido, cuja unção e iluminação, pelo Espírito, flui para as igrejas" (*The Revelation of St. John the Divine*. Clarendon, p. 65-66).

Ao vê-lo, João fica estarrecido, a mesma experiência que Moisés teve diante da sarça ardente, que teve Jacó quando lutou durante toda a noite com o anjo de Deus e que Jó viveu quando Deus lhe falou através de um redemoinho. C.S. Lewis descreve essa experiência estarrecedora no livro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, sobre a possibilidade de as crianças se encontrarem com Aslam: "Se conseguir manter-se em pé diante dele, olhá-lo cara a cara, já é o caso para dar-lhe os parabéns. [...] Porque, se alguém chegar na frente de Aslam sem sentir medo, ou é o mais valente de todos ou então é um completo tolo. – Mas ele é tão perigoso assim? – perguntou Lúcia. – Perigoso? – disse o Sr. Castor. – Então não ouviu o que Sra. Castor acabou de dizer? Quem foi que disse que ele não era perigoso? Claro que é, perigosíssimo. Mas acontece que é bom. Ele é **rei**, disse e repito" (*As Crônicas de Nárnia*. Martins Fontes, p.137-138).

Ao se deparar com o Rei dos Reis e Senhor dos senhores, João cai como morto. Contudo, Jesus o levanta com sua mão direita, como um sinal de autoridade, e o comissiona a enviar a mensagem às sete estrelas, que são os anjos das sete igrejas (v.20). Jesus o encoraja ao apontar para sua vitória sobre a morte e o inferno. "[...] despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz" (Cl 2.15). A vitória de Cristo é a

vitória de sua morte e de sua ressurreição: "Estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos" (v.18).

CONCLUSÃO

O que Jesus está assegurando para João é: "Não tenha medo, João! Eu sou o primeiro e o último. Eu reino soberano. Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Escreva sobre isso para o meu povo, eu estou presente com ele. Em meio à perseguição, ao sofrimento e à morte, dê ao meu povo esperança".

Para o cristão, o sofrimento é uma realidade. O próprio Jesus declarou a respeito disso: "No mundo, passais por aflições" (Jo 16.33). No séculos 1º e 2º d.C., as aflições sofridas eram intensas: acusações como insurreição, ateísmo, canibalismo e incesto eram feitas contra os cristãos. Foram tempos em que a igreja encontrou oposição feroz e muitos pagaram com a vida o preço de serem fiéis ao Messias. Contudo, Jesus também afirma: "tende bom ânimo! Eu venci o mundo" (Jo 16.33). As visões de João são uma revelação dessa vitória e da esperança que o cristão pode ter em meio às tribulações de um mundo que já está derrotado, mas ainda não totalmente. Por isso, não tema, pequeno rebanho, eis que Jesus está conosco até a consumação dos séculos.

APLICAÇÃO

Em meio ao sofrimento, angústia e aflição, tenha olhos escatológicos, olhe a realidade à luz da revelação de Jesus Cristo e veja o que está por detrás do véu. Participe dos sofrimentos de Cristo, glorie-se na tribulação. O sofrimento não é sinal de que Deus nos abandonou. Ao contrário, é um dos sinais da verdadeira filiação. Se sofremos com ele, também com ele reinaremos. Ore para que Deus lhe dê olhos para ver.

3

ÉFESO: LEMBRA E VOLTA

Boa teologia com boa prática. Aí sim.

Apocalipse 2.1-7

Para ler e meditar durante a semana

D – 1Jo 3.11-24 – O amor se evidencia; **S** – 1Jo 4.7-21 – Deus é amor; **T** – 2Jo 1-13 – Amar e obedecer; **Q** – 1Co 13.1-13 – A extravagância do amor; **Q** – Rm 12.9-21 – Quem ama tolera; **S** – Lc 10.25-37 – Apenas ame; **S** – Jo 13.1-20 – Amor sem medida

INTRODUÇÃO

Curiosamente, foi na cidade de Éfeso que o imperador Teodósio II reuniu, em 431 d.C., o 3º Concílio Ecumênico, no qual Maria foi denominada a mãe de Deus, o que resultou na definitiva queda da deusa Ártemis, ou Diana dos efésios. Até lá, porém, muitas batalhas foram travadas contra os pacíficos cristãos. Esse é um dos palcos mais importantes do mundo antigo, que revela o conflito do mundo contra Cristo e a sua igreja e, nesta lição, veremos a respeito do grande desafio de, em meio a esses conflitos, mantermos uma vida doutrinariamente saudável e, ao mesmo tempo, genuíno amor a Deus, aos irmãos na fé e, também, aos inimigos.

I. A CIDADE DE ÉFESO

Uma cidade rica, de relevância histórica, religiosa e comercial. Essas poderiam ser características para descrever Éfeso como um lugar próspero, feliz e justo, se não houvesse ali uma igreja de Cristo para "atrapalhar" esse cenário otimista. A igreja de Cristo sempre terá em seu DNA uma natureza adversa ao mundo, seus regimes, política, ideologia, vícios e pecados, porque, como representante do reino dos céus, ela sempre estará em choque, em guerra contra a reivindicação que o mundo faz para si, de prometer felicidade, significado e realização para os homens. A igreja, contudo, prega o evangelho e revela que somente Deus, em Cristo Jesus, traz ao ser humano as bênçãos eternas.

Seguindo as informações de Kistemaker (*Apocalipse*. Cultura Cristã, p. 149-151), percebemos o desafio que a igreja de Éfeso enfrentava numa sociedade próspera, de boa reputação, porém hostil ao cristianismo e que se recusava a rejeitar o pecado e a idolatria. A riqueza da cidade vinha principalmente de um agitado comércio para a realidade do século 1º. Era uma cidade portuária, utilizada por Roma como um centro de administração e para a confecção de artigos religiosos (At 19.24,31,38). Ali se encontrava um templo dedicado a Ártemis, ou Diana, e um teatro que comportava cerca de ٢٤.٠٠٠ pessoas. Duas características que ressaltam a difícil realidade para a igreja de Cristo naquele lugar eram a idolatria e a imoralidade.

O templo de Éfeso era um propulsor para a propagação da religião do Império Romano, de maneira que em 89-90 d.C. a cidade inaugurou o templo dos Sebasatoi, proveniente da família Vespasiano-Tito-Domiciano. Conforme destacamos na primeira lição, embora vivessem em paz, os judeus isolavam cada vez mais os cristãos, que ficavam, então, expostos à perseguição romana. Pelo que entendemos da carta de Apocalipse, a igreja também estava se mantendo pura e afastada, mas a imoralidade não deixava de ser um desafio para ela. Heráclito, filósofo nascido em Éfeso, afirmou que nem entre os animais se via tamanha promiscuidade como nos cidadãos efésios.

Vejamos, portanto, o que Cristo tem a dizer a essa igreja que se mantinha firme, apesar dos desafios.

II. IDENTIDADE DE CRISTO

Cristo se identifica de duas maneiras, “[...] aquele que conserva na mão direita as sete estrelas” e aquele “[...] que anda no meio dos sete candeeiros de ouro”. As sete estrelas são os sete anjos e os sete candelabros são as sete igrejas (1.20). Jesus segura as sete estrelas em sua mão direita (1.16), o que enaltece a autoridade de Cristo sobre todos os seres celestiais sob o seu comando. Em todo o Antigo Testamento, a mão direita revela soberania e Cristo apresenta a realidade de que os anjos mensageiros estão obedecendo a ordens expressas, apenas comunicando a palavra que ele tinha para cada uma das igrejas. Dessa maneira, ele não é

apenas Senhor da igreja em seu sentido universal (a igreja espalhada pela Terra), mas ele é Senhor de cada igreja local, da menor até a maior (1.13).

Por isso a segunda designação. *Ele anda entre os sete candeeiros*, ou seja, ele está presente com a igreja. Conforme Osborne, "a imagem de 'andando' combina as ideias de preocupação pela igreja e autoridade sobre ela" (*Apocalipse*. São Paulo: Vida Nova, p. 123). Cristo está atento e sempre atualizado com tudo o que está acontecendo dentro da igreja, de modo que o seu diagnóstico nunca é impreciso a respeito de sua real condição, e é por isso que ele faz as observações positivas e negativas necessárias para cada igreja.

III. FIEL NA DOUTRINA

Cristo faz cinco elogios à igreja de Éfeso. Ela é: **1)** laboriosa; **2)** perseverante; **3)** não suporta homens maus; **4)** põe à prova os falsos apóstolos; e
5) suporta as provações. Esses elogios são muito significativos. Conforme vimos, considerando o difícil contexto de perseguição, seria muito mais fácil para uma igreja sobreviver se ela trocasse a sua fidelidade confessional e rigor ético por uma atitude mais relativista, elástica e transigente com os erros, vícios e imundícies de sua cidade. Mas disso a igreja de Éfeso não poderia ser acusada. Tendo sido pastoreada por Paulo, Timóteo e João, não é de admirar que houvesse se tornado tão firme doutrinariamente e resistente contra as heresias, imoralidades e ameaças de perseguição. Além disso, Éfeso era a "igreja mãe", o ponto de partida do ministério missionário expansionista de Paulo na Ásia.

Mesmo tendo se passado cerca de três décadas desde sua fundação, a igreja se mantinha firme. E ainda que tenha sofrido perdas devido à perseguição, talvez até martírio, ainda se mantinha fiel. Inácio de Antioquia escreveu no século 1º a essa mesma igreja, elogiando a sua constância, relatando que, por boca do então pastor da igreja, Onésimo, fora informado que "vós todos viveis segundo a verdade, que nenhuma heresia se aninha entre vós e que não dais ouvido a ninguém que vos fale de qualquer coisa, a não ser de Jesus Cristo na verdade" ("Inácio aos efésios". In: *Padres apostólicos*. São Paulo: Paulus, p. 84).
A fibra da igreja em sua defesa doutrinária e resistência contra os falsos ensinos

era realmente admirável, e a expressão final do v.3 revela isso: “[...] não te deixaste esmorecer”. A palavra esmorecer é tradução de *kekopiakes*, que significa desânimo, ou cansaço, causado após longo período de esforço sacrificial.
“A palavra é utilizada aqui figuradamente para a exaustão espiritual resultante da perseguição e das lutas contra os falsos mestres, mas também triunfado sobre os hereges e mantido sua vigilância espiritual” (Osborne, p. 126).

IV. TENHO, PORÉM, CONTRA TI

Como nenhuma igreja é infalível, Éfeso precisava responder pelo seu desvio. Por nos amar, Deus não nos livra de sua disciplina quando não vivemos um cristianismo autêntico. Com o fim de nos aperfeiçoar, ele nos adverte contra o pecado (Pv 3.12; 13.24; Hb 12.4-14). Jesus tinha algo “contra” a igreja, e essa expressão torna-se padrão para descrever os problemas morais nas outras cartas também, com o fim de alertar contra o inevitável julgamento vindouro.

O “primeiro amor” descrito no v.4 sugere aquele amor do início da caminhada cristã. Ou seja, quando a igreja foi fundada pelo apóstolo Paulo, ela viveu dias de intensa consagração, disposição e voluntariedade. Ela expressava seu amor a Deus e ao próximo de modo vigoroso e, ainda assim, resistia às tentações da cidade e aos falsos apóstolos. Contudo, com o passar das décadas, sofrendo privações e intensa perseguição, embora a igreja tenha se mantido doutrinariamente fiel, enrijeceu-se, talvez por autodefesa ou apatia. Mas o fato é que Éfeso deixou de exercitar a principal, a maior das virtudes, que é o amor (1Co 13.13; 1Jo 4.16-18). Em 1Coríntios 13 aprendemos que qualquer que seja o nosso talento, as nossas obras ou realizações, sem amor, tudo se perde, nada tem qualquer proveito para Deus.

O “primeiro amor” se refere aos dois grandes mandamentos, de amar a Deus e ao próximo (Mt 22.37-40); e Jesus já alertara que o amor “se esfriará” (Mt 24.12-14). Ou seja, aquele que ama a Deus, necessariamente, deve amar o seu irmão (1Jo 4.20); não há cristianismo sem a expressão vertical e horizontal do amor simultaneamente. G.K. Beale comenta sobre os efésios que “um amor

apaixonado por Cristo nos leva a amar os de fora e a buscar ganhá-los. Isso eles tinham perdido" (*Brado de vitória*. Cultura Cristã, p. 51).

V. CHAMADO AO ARREPENDIMENTO

A rememoração é a oportunidade de corrigir o que ainda precisa ser corrigido. Essa é a oportunidade que Cristo oferece aos efésios: "Lembra-te, pois, de onde caíste", no v.5. Conforme Kistemaker, "[...] o arrependimento afeta a existência humana em sua totalidade; atinge o âmago do ser e afeta todo o relacionamento externo com Deus e com o próximo. Arrepender-se é dar as costas ao pecado; fé é voltar-se para Deus." (*Atos*, vol. 1. Cultura Cristã, p. 184).

Quando a igreja é acusada de pecado, não deveria haver demora em se arrepender, pois se presume que, falando com pessoas "espirituais", haverá seriedade na consideração do próprio pecado e atendimento ao chamado da Palavra de Deus. Mas Cristo é paciente, amável e nos dá tempo para consideração. Ele nos conhece e, por isso, nos trata segundo a sua misericórdia e ensina aos pastores para que ajam de igual modo (2Tm 2.24-26). O que não podemos esquecer, no entanto, é que ele não espera para sempre e não permitirá que o seu nome seja envergonhado para sempre por uma igreja que se recusa a ouvi-lo.

Por isso, essa é uma prática que se espera do cristão durante toda a sua caminhada. Não haverá um tempo, nesta realidade em que vivemos, em que não mais precisaremos nos arrepender. Como pecadores, estamos sempre sujeitos à corrupção, e ninguém sabe disso melhor que o Senhor da igreja. Como disse Calvino: "[...] depois de iniciado o arrependimento, precisamos dar-lhe continuidade durante a nossa vida toda, e não abandoná-lo, até à morte, se é que desejamos descansar com segurança em Cristo e nele permanecer" (*As Institutas*. Edição especial com notas para estudo e pesquisa. Cultura Cristã, II.5.11).

Após o chamado para o arrependimento, Cristo também alerta quanto a uma ameaça, "[...] se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas". O candeeiro representa luz (Is 42.6-7; 49.6; Zc 4.2,11), e, como Israel serviu de luz para o mundo, assim a igreja também servia e,

particularmente, a igreja de Éfeso. Mas até essa importante igreja perderia a sua luz, ou deixaria de ser igreja, caso não se arrependesse.

Na carta já citada, escrita uns dez anos depois, Inácio de Antioquia descreve positivamente a igreja, dando a entender que Éfeso levou a sério o chamado de Cristo e se arrependeu. Se foi assim, ela não se exaltou nem se considerou autossuficiente, mas humilhou-se e voltou à prática do amor. "Por isso, no acordo de vossos sentimentos e na harmonia de vosso amor, vós podeis cantar a Jesus Cristo. A partir e cada um, que vos torneis um só corpo, a fim de que, na harmonia de vosso acordo, tomando na unidade o tom de Deus, canteis a uma só voz, por meio de Jesus Cristo, um hino ao Pai, para que ele vos escute e vos reconheça por vossas boas obras, como membros do seu Filho" (*Inácio aos efésios*, 4.1-2).

No v.6 o Senhor ainda os elogia porque odiavam as obras dos nicolaítas. Um resumo do verdadeiro discípulo é amar aquilo que Deus ama e odiar aquilo que Deus também odeia. Os nicolaítas são identificados por Irineu de Lião como seguidores de Nicolau que, segundo ele, foi um dos diáconos ordenados em Atos 6 que, depois, se desviou da fé (*Contra as Heresias*. Paulus, I.26.3). Mas não sabemos se essa afirmação é segura. O fato importante a destacar é que as igrejas da Ásia estavam sob constante ataque de heresias e, ao passo que Pérgamo e Tiatira estavam cedendo, Éfeso se mantinha leal ao evangelho, mantendo a pureza doutrinária.

VI. PROMESSA

Por fim, a promessa de Jesus a Éfeso sela o encorajamento que ocorre em todas as sete cartas. A construção inicial segue a fórmula padrão do Senhor Jesus: "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas", v.7a (Mt 11.15; 13.9,43; Mc 7.16). A promessa é para aqueles que vencerem, a esses "[...] dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus" (v.7b). A promessa que Adão e Eva perderam (Gn 2.9; 3.22,24) torna-se atual para aqueles que se mantêm nos caminhos do Senhor até o fim, não apenas em

fidelidade doutrinária, mas vivendo a expressão real do amor de Jesus (Ap 22.2,14,19).

O acesso à árvore da vida altera, portanto, os efeitos da desobediência provocados pelos nossos primeiros pais. Nas palavras de Osborne: “No Éden final, a maldição do primeiro Éden é revertida e a ‘vida’ eterna é agora concedida ao povo de Deus” (*Apocalipse*, p.136). Aquele espaço de acesso exclusivo aos vencedores é reservado para todos aqueles que perseverarem até o fim. Esses serão recompensados, vivendo para sempre num lugar completamente alheio ao pecado, onde não mais haverá sequer o cheiro de morte. A vida tem a palavra final.

CONCLUSÃO

A igreja de Éfeso possuía boa teologia, fidelidade confessional e experiência acumulada. Além disso, era a referência na Ásia Menor para as outras igrejas mais jovens. Porém, todas essas boas características não são suficientes aos olhos perscrutadores de Cristo. Ele quer que a igreja expresse aquilo que é mais evidente nele mesmo, isto é, o amor. Uma igreja que não tem amor será reprovada aos olhos de Deus.

APLICAÇÃO

Há um crescente interesse pelo estudo teológico nas igrejas evangélicas em geral, porém, isso não indica, necessariamente, crescimento no amor sincero e autêntico a Deus e ao próximo. Cresça em conhecimento, mas, se isso não estiver gerando mais amor em você, desconfie, porque algo está errado. Aprender de Jesus é aprender a amar.

4

ESMIRNA: UMA IGREJA RICA

Mas sofria muito...

Apocalipse 2.8-11

Para ler e meditar durante a semana
D – 2Co 6.4-13 – Abnegação e fidelidade; **S** – 2Co 8.1-24 – Deus sustenta os generosos; **T** – 2Co 9.1-15 – Quem semeia colhe; **Q** – 2Co 11.1-33 – Tudo é suportável em Cristo; **Q** – Fp 4.10-20 – Contentamento; **S** – Sl 40.1-17 – Deus cuida de mim; **S** – Sl 23.1-6 – Nada me falta

INTRODUÇÃO

Esmirna é a segunda igreja para a qual o Senhor Jesus envia uma carta. Essa igreja – como a de Filadéfia – não recebe qualquer reprovação, apenas destaque para sua virtude e estímulo à perseverança. Este estudo nos lembrará que, enquanto estivermos neste mundo, estamos sujeitos a enfrentar decepções e sofrimentos arrasadores. Porém, se mantivermos firmes a nossa fé e toda a nossa concentração nas promessas de Cristo, teremos coragem e perseverança.

I. O CRISTO RESSURRETO

Nesta carta, Cristo se apresenta como o primeiro e o último, que estava morto, mas ressuscitou (Ap 2.8). Essa é uma apresentação apropriada e encorajadora para uma igreja que está sendo avisada que enfrentaria tribulação. Cristo já se revelara de forma maravilhosa, em toda a sua majestade (cap. 1), e agora ele lembra à igreja que havia enfrentado um processo de dor e sofrimento para conquistar sua vitória. Embora Cristo sempre tenha sido o Senhor da glória (Jo 17.5), ele assumiu a condição humilhante ao se tornar homem (Fp 2.5-8), em semelhança de carne pecaminosa (Rm 8.3); e foi no despojamento de sua glória que Cristo venceu o mundo e o maligno (Jo 16.33; Mt 4.1-11; Hb 4.15; 9.28), não com toda a sua majestade, mas em condição de humilhação. E, ainda que tivesse uma legião de anjos sob o seu comando (Mt 26.53), ele optou por não fazer uso de suas prerrogativas divinas. Jesus se sujeitou a todo o processo,

porque compreendia que esse era o cálice que ele devia tomar (Jo 18.11), ou seja, era parte de sua missão.

A mensagem é clara: *assim como eu enfrentei a morte e a ressurreição, o sofrimento e a glória, vocês também terão de suportar um período de sofrimento, mas depois experimentarão a glória comigo*. Era assim que Paulo via sua própria vida e ministério: “Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja” (Cl 1.24). Preencher o que resta das aflições de Cristo é estar em *parceria* com Cristo, é experimentar o que ele também experimentou, em alguma medida. Cristo sofreu *de uma vez por todas*, por nós, comprando a nossa redenção. Mas ao dizer “o que resta”, Paulo vincula o Senhor Jesus aos nossos sofrimentos presentes e de toda a igreja por todos esses séculos. Esse conceito se confirma noutros lugares (2Co 4.10; 2Tm 2.11-12) que comprovam a solidariedade de Jesus com a igreja e suas tribulações. O mesmo acontece com Esmirna: ela não sofreria sem motivo nem por mera casualidade, mas por um propósito claro, que era participar dos sofrimentos de Cristo.

II. UMA IGREJA RICA

A condição social da igreja até pode servir para sinalizar sua condição espiritual e moral, mas isso nunca é determinante. Em nossos dias, quando uma igreja aumenta a sua arrecadação, temos a tendência de interpretar isso como bênção. Prosperidade financeira *pode* indicar aumento na fidelidade dos irmãos, na consciência da missão da igreja, no desejo de ajudar os mais pobres, de expandir o evangelho por meio de plantação de novas frentes de trabalho. Porém, isso nem sempre é verdade. Igrejas prósperas podem aumentar sua corrupção, à medida que aumentam suas condições, levando o pastor a uma vida de ostentação e luxo, tornando o conselho mais mesquinho quanto à aparência da igreja, com interesses de competitividade com outras denominações da cidade, com construções mais suntuosas, etc.

O Novo Testamento relativiza os paradigmas sociais estabelecidos, especialmente pela liderança judaica, para a qual quanto mais próspero o crente,

mais abençoado ele era. É o caso do episódio do homem rico que procurou Jesus e saiu triste ao ouvir que precisaria se desfazer de todos os seus bens para seguir o Mestre (Lc 18.18-24). Então Jesus declarou: "Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!" (v.24). Espantados, seus ouvintes perguntaram: "Sendo assim, quem pode ser salvo?" (v.26). A surpresa daqueles ouvintes era porque a sua consciência de prosperidade financeira estava atrelada à sua noção de aceitação da parte de Deus.

Não temos, contudo, uma condenação da riqueza no Novo Testamento, nem uma exaltação da pobreza, mas um ensino sólido de que a condição espiritual de uma pessoa independe de sua circunstância material (Fp 4.10-13). E Deus, para nos ensinar a confiar nele, muitas vezes faz uso da pobreza, como acontecia com Esmirna. É provável que, devido à perseguição dos próprios judeus e dos romanos, os cristãos daquela igreja estivessem perdendo seus empregos, o que, naturalmente, aumentava a sua angústia e falta de condições para a subsistência básica.

Além disso, o Senhor Jesus antecipa que eles também deveriam se preparar porque as tribulações aumentariam devido à "blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás" (Ap 2.9). A designação "sinagoga de Satanás" nos revela dois aspectos importantes:
1) aqueles judeus eram instrumentos de Satanás, o que não era nenhuma novidade, desde quando Jesus denunciou as reais motivações do coração dos judeus (Jo 8.44). Paulo esclareceu aos romanos que a verdadeira identidade espiritual judaica, israelita, não deriva de sua origem biológica (Rm 2.28-29; Gl 3.6-7). Portanto, os judeus que rejeitavam o Messias estavam mais identificados com o diabo do que com Deus e as antigas promessas; **2)** conforme Beale, "o fato de a comunidade judaica ser identificada como composta por falsos judeus, sendo **sinagoga de Satanás**, confirma novamente que a igreja é vista por Cristo como sendo o verdadeiro povo de Deus, o verdadeiro Israel" (*Brado de vitória*, p. 57).

Podemos perceber na situação de Esmirna dois problemas que devem chamar atenção das igrejas atuais: perseguição e pobreza. Ninguém quer nenhuma dessas dificuldades, e, quando elas aparecem, podem levar as pessoas a deduzirem que quem as enfrenta não é fiel. A lei da semeadura, quando aplicada de maneira irresponsável, pode induzir os crentes a acreditarem que, se você faz o bem, necessariamente colherá bênçãos, inclusive materiais, e, se fizer o mal, necessariamente colherá maldições e sofrimento.

Contudo, não seria justificado alguém interpretar isso de forma tão leviana e radical para toda e qualquer situação. Pobreza e perseguição podem vir como resultados justamente de uma vida de compromisso com Deus, afinal, se o mundo odeia a Cristo, odiará também a igreja fiel (Jo 15.18).

"Tu és rico" é o atributo conferido pelo Senhor à igreja, contrastando com qualquer outro pensamento que fizessem sobre ela. Somente o Senhor é capaz de transformar algo ruim em algo proveitoso, conforme lembra Calvino, para quem "é certo que a pobreza, considerada em si mesma, é uma desgraça. Como também desgraças são o exílio, o desprezo, a ignomínia, a prisão – e, finalmente, a morte é uma extrema calamidade. Mas quando Deus tem em vista manifestar o seu favor, nenhuma dessas coisas há que ele não torne em bem e em felicidade. Saibamos, então, preferir o testemunho de Cristo a uma falsa opinião proveniente da nossa carne" (*As Institutas*. Edição especial com notas para estudo e pesquisa. Cultura Cristã, IV.9.27).

III. A COROA DA VIDA

A igreja já estava habituada a enfrentar perseguição, pobreza e desprezo, porém, ela é alertada que as lutas ainda não haviam terminado. Uma severa batalha ainda estava por vir. "Não temas as coisas que tens de sofrer" (Ap 2.10) evoca uma das mais recorrentes exortações de Deus a Israel: "não temas" (Gn 15.1; 26.24; Dt 1.21; Js 1.9; Pv 3.25; Is 41.1-10); e o Senhor Jesus ecoou essa mesma mensagem quando alertou aos seus discípulos de que sofreriam tribulações (Mc 10.26,28).

Os *dez dias* referidos no v.10 dificilmente querem dizer dez dias literalmente, pois a simbologia de números do livro de Apocalipse é abrangente e comum. Mas podemos entender que se trata de um tempo já predeterminado por Deus que poderia ser curto, mas intenso. Nesse período o diabo seria o "mandante" do sofrimento da igreja, como foi quando Deus entregou Jó (1.12; 2.6) e Paulo (2Co 12.7) para que sofressem em suas mãos. Essas desconfortáveis informações, contudo, não podem servir para justificar nossos pecados, afinal, "não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1Co 10.13).

Aquele, porém, não era o fim. A provação é real e está na agenda de Deus para todo o seu povo, mas não marca o fim da história. Deus é quem dá a palavra final, e a sua palavra é de vitória. Por isso, Esmirna, assim como nós, é encorajada pela recompensa final, a "coroa da vida". A coroa era a grinalda de flores que os atletas vencedores ganhavam em suas competições, contrastando com a coroa de Jesus, que era incomparavelmente melhor e mais gloriosa. Ela não era de *flores*, mas *da vida*, ou seja, daquele vencedor que "de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte" (Ap 2.11). Essa promessa não era desconhecida pelos cristãos do século 1º (Tg 1.12) e aqui é reforçada aos santos de Esmirna para que não esmorecessem diante do que estava por vir. O livramento da segunda morte deixa claro que, provavelmente, muitos ali não se livrariam da "primeira morte", isto é, da cruz, da implicação direta de ser um seguidor de Jesus (Mc 8.34). Nenhum cristão deveria ficar surpreso diante da possibilidade de ter de enfrentar a morte por causa de sua confissão do evangelho, mas talvez essa seja uma consequência de vivermos num contexto de liberdade religiosa e conforto no mundo ocidental.

Finalizaremos com esta poderosa consideração do reformador João Calvino, pois, se não temos perseguições a enfrentar no Brasil, ao menos não na intensidade de outros lugares do planeta, Deus faz uso de outras formas de provação para nos aperfeiçoar em seu amor. "[...] o Senhor, para impedir esse

mal [de buscar a felicidade nesta terra], mostra a seus servos a vaidade da vida presente, disciplinando-os constantemente por meio de diversos sofrimentos, para que não esperem paz e tranquilidade nesta existência. Ele permite que muitas vezes o mundo seja assolado e atormentado por guerras, tumultos, banditismo e outros males, para que os seus servos não desejem com muita cobiça as riquezas que realmente nada valem, nem se acomodem passivamente às que já possuem. Ele os reduz à indigência, já pela esterilidade do solo, já pelo fogo, já por outros meios; ou os mantém em posição mediana ou na mediocridade. Para que não abusem dos prazeres da vida conjugal, ou lhes dá mulheres rudes e ruins de cabeça, que os atormentam; ou lhes dá filhos maus, que os humilham; ou os aflige tirando do seu convívio mulher e filhos. Se em todas essas coisas ele os trata com brandura, todavia, para que não se ensoberbeçam deixando-se levar pela vanglória, ou para que não desenvolvam autoconfiança desordenada, adverte-os por meio de enfermidades e perigos e coloca diante dos seus olhos quão frágeis e efêmeros são os bens sujeitos à mortalidade" (*As Institutas*, IV.16.33).

CONCLUSÃO

A igreja de Esmirna estava sendo provada a se manter fiel diante de dois severos problemas: perseguição e pobreza. Até aquele momento, ela estava resistindo em fidelidade, e o Senhor Jesus revela sua apreciação e zelo pela igreja, antecipa que mais dificuldades viriam e a encoraja com promessas que superam qualquer valor ou benefício que este mundo possa oferecer.

APLICAÇÃO

Enfrentar injustiças, sendo inocente, e dificuldades financeiras, sendo um trabalhador honrado, são dificuldades que todos os crentes estão sujeitos a enfrentar. Portanto, se você está vivendo algumas dessas coisas, faça como Cristo exorta os irmãos de Esmirna a fazerem e resista, porque a recompensa de Jesus é garantida a todos os que perseverarem até o fim.

5

PÉRGAMO: FÉ CRISTÃ E CULTURA

No mundo, mas sem fazer concessões

Apocalipse 2.12-17

Para ler e meditar durante a semana

D – Sl 72 – O rei justo e seu reinado eterno; **S** – Nm 25 – O zelo de Fineias; **T** – Dt 7.1-11 – Admoestações contra a infidelidade; **Q** – Mt 18.1-14 – Os tropeços; **Q** – Lc 17. 7-10 – Somos servos inúteis; **S** – Rm 8.17-25 – Sofrimentos presentes e glória futura; **S** – Sl 110 – O reino do Messias

INTRODUÇÃO

A cidade de Pérgamo nunca foi importante até se tornar capital do reino independente da dinastia dos atálidas (282–133 a.C.), depois da morte de Lisímaco da Trácia, um dos generais e sucessores de Alexandre o Grande. Átalo III foi o último rei (138–133 a.C.) dessa dinastia e entregou a cidade a Roma, que a fez capital da província romana na Ásia. A cidade era conhecida por sua grande biblioteca, que possuía mais de 200.000 rolos de pergaminho, palavra que deriva do nome da cidade. Pérgamo, com os seus santuários locais, foi um importante centro religioso, onde se encontravam santuários a Zeus, Dionísio e Atena. Havia, de igual modo, o santuário a Asclépio, o deus da cura, cujo símbolo era uma serpente. Além disso, Pérgamo era o centro oriental do culto ao imperador romano.

Jesus diz à igreja de Pérgamo: "Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás" (Ap 2.13). Jesus sabe da situação dessa igreja presente na capital imperial do Império, uma cidade religiosa, intelectual e culturalmente sofisticada. Essa sofisticação é a mesma que assustou Paulo ao visitar Atenas (At 17.16). Era uma cidade idólatra, um lugar onde a igreja do Messias é tentada a reinterpretar a fé nos termos dos cultos que estão à sua volta. Isso se chama sincretismo, algo condenado constantemente por Deus.

Pérgamo é onde Satanás habita, onde Satanás estabeleceu o seu trono. Portanto, como é possível reconhecer uma cidade onde Satanás habita? Onde há perseguição às testemunhas do evangelho, ali Satanás está presente. A igreja em Pérgamo estava sofrendo perseguição. Vemos isso no martírio de Antipas, servo de Cristo fiel até a morte em seu testemunho. Mesmo nessa situação, onde a morte era uma realidade, a igreja não abandonou a confiança no Messias, antes, conservou o nome de Jesus e não negou a fé (Ap 2.13).

Nessa carta podemos observar três atitudes de Jesus para com a igreja de Pérgamo. **Primeiro**, conforme vimos nas lições anteriores, as cartas seguem um padrão. De igual maneira, Jesus afirma conhecer a situação dessa igreja, que estava sofrendo perseguição na capital da província do Império Romano. Ele também sabe das alianças que a igreja estava fazendo com os cultos idólatras à sua volta. **Segundo**, ao observar esse sincretismo destrutivo na igreja de Pérgamo, Jesus ordena ao seu povo que se arrependa disso. **Por fim**, Jesus promete recompensá-los, caso se voltem para ele em contrição e arrependimento.

I. JESUS CONHECE

Jesus conhece a nossa situação. "Conheço o lugar em que habitas" (v.13). A dificuldade da igreja de Pérgamo era se manter fiel, mesmo envolta por uma cultura idólatra, com uma organização política, econômica e familiar que tinha um envolvimento direto com a religião, principalmente com a religião imperial. É importante ressaltar que, no mundo antigo, não havia separação entre vida cívica e vida religiosa.

Pérgamo era a capital da província e, como tal, centro do culto ao imperador. Ali era exigido dos cristãos que oferecessem incenso à imagem dos imperadores e que confessassem "César é Senhor". Havia, então, uma disputa de lealdades, dois senhores exigindo submissão. Diante de qual trono os cristãos se prostrarão? Essa é a pergunta implícita na carta. A perseguição aos cristãos por não oferecerem incenso ao imperador era grande, considerada como desobediência civil, punida com a morte. Mesmo em meio a essas provações, Jesus afirma aos irmãos de Pérgamo: "Sei que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos

dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita" (v.13).

O Império Romano, ao conquistar o mundo de então, levou paz às regiões mais longínquas. Conhecida como *pax romana*, essa falsa paz era alcançada mediante guerras, armas e um governo autoritário. Seu instrumento de paz era a cruz, usada para punir os rebeldes contra a autoridade imperial. O controle de Roma era tolerante, dito de outro modo. Os povos conquistados poderiam adorar os seus deuses, desde que a sua religião não interferisse na religião imperial. Nesse sentido, Pérgamo era um centro asiático de civilização, era uma cidade aberta e tolerante a várias crenças, desde que não competissem com César.

Provavelmente, Antipas foi morto por não se prostrar diante de César e não adorá-lo como Senhor, sendo morto pela sua fidelidade. Satanás não venceu esse servo de Cristo que não negou a fé e deu testemunho de que há um único Senhor, Jesus, ressurreto dentre os mortos, diante de quem todo joelho se dobrará. Toda língua confessará que ele é o Senhor (Fp 2.10-11).

Após confirmar o testemunho de Antipas como exemplo para a igreja, Jesus mostra que não conhece apenas a fidelidade de seus servos, mas também a infidelidade do seu povo. "Tenho, todavia, contra ti algumas coisas" (v.14). Jesus fala a respeito da busca de aceitação e de participação da igreja nas práticas que estavam à sua volta. Essa participação implicava frequentar as festas, participar de cerimônias, fazer comércio. Nesse sentido, confessar Jesus como Senhor, significava retirar-se muito do convívio social, já que a vida social exigia um relacionamento com a idolatria. A recusa em participar, geralmente, tornava o cristão um excluído. Podemos perceber o porquê dos primeiros cristãos serem considerados ateus pelos pagãos: eles não participavam dos eventos públicos e religiosos da cidade.

Jesus aponta duas falsas doutrinas que invadiram a igreja. A doutrina de Balaão (v.14) faz referência ao conselho do profeta Balaão dado a Balaque, rei dos moabitas, com o intuito de levar o povo de Deus a se misturar com os povos vizinhos e abandonar o Deus vivo. Balaão foi um profeta mercenário que

recebeu dinheiro de Balaque para amaldiçoar os israelitas, mas foi impedido por Deus (Nm 22–25). Vendo que a sua estratégia falhara, ele convenceu as mulheres moabitas a seduzirem os filhos de Israel (Nm 31.16). Estes se prostituíram e cultuaram a Baal-Peor. Deus destruiu os que abraçaram a idolatria e a imoralidade, e o sacerdote Fineias (Nm 25.11) se destacou no zelo punitivo.

Jesus, aqui, coloca-se como o novo Fineias, que vem ao seu povo com "a espada afiada de dois gumes" (Ap 2.12,16) para afastá-lo da idolatria e da prostituição.

A segunda doutrina é a dos nicolaítas (v.15), provavelmente um pequeno grupo de judeus em Pérgamo que tinha a intenção de destruir a igreja. Seu falso ensino misturava a doutrina de Cristo e dos apóstolos com as doutrinas abomináveis em voga na cultura, com o propósito de justificar suas práticas imorais.

II. JESUS ORDENA

Jesus ordena à igreja que se arrependa dessas práticas imorais, que desonram o seu Nome. "[...] arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca" (v.16). O zelo de Cristo o leva a conclamar seu povo a mudar sua prática à luz da sã doutrina. É importante observar que Jesus não *aconselha* a igreja ao arrependimento, mas *ordena* que ela se arrependa. O chamado ao arrependimento é um mandamento que exige resposta, caso contrário, o juízo virá sem demora (Sl 7.12) e o mais temível pode acontecer, isto é, o próprio Jesus irá pelejar contra os insubmissos e rebeldes que levam seu povo a tropeçar. "Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundeza do mar" (Mt 18.6).

III. JESUS RECOMPENSA

Jesus nos exorta a ouvir atentamente as suas palavras. "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (v.17). Por quê? Porque ele irá nos

recompensar pela fidelidade à nova aliança firmada no seu sangue. "Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe" (v.17). A mesma graça que nos predestinou, que nos chamou, que nos justificou, a mesma graça que nos santifica hoje é a que nos glorifica (Rm 8.30). Essa graça maravilhosa recompensa servos inúteis (Lc 17.10). Ela nos faz cantar com John Newton (*Amazing Grace*): "Graça maravilhosa! Quão doce é o som! Quão preciosa é aquela graça que apareceu. E a graça me levará para casa. Eu possuirei, dentro do véu, uma vida de alegria e paz!".

Àqueles que perseverarem até o fim, vivendo fielmente em uma sociedade apóstata, aos vencedores, Jesus dará do "maná escondido" (v.17), referindo-se ao alimento que Deus enviava todos os dias para o povo, durante a peregrinação no deserto (Êx16.4-7,31,35). Essa história serve de exemplo para a igreja de Pérgamo, para que ela não se preocupasse quanto à sua vida social nem com as dificuldades provenientes dessa exclusão. Nem mesmo o martírio deveria amedrontá-los. Não olhem para os ídolos da cidade em busca de refúgio, eles não podem ajudá-los (Sl 115). Não olhem para César e para a falsa paz que ele promete, Jesus promete a verdadeira paz. "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo" (Jo 14.27). Jesus é quem providencia tudo de que necessitamos, ele dará o maná escondido para nos sustentar nos momentos de provação.

Jesus promete recompensar seu povo com uma "pedrinha branca" (v.17), fazendo referência a um novo nome que seria recebido pelos fiéis. No contexto da igreja de Pérgamo, a pedrinha branca era um sinal de admissão e aceitação em ambientes sociais. Isso quer dizer que, mesmo que o mundo rejeite, despreze e até mesmo mate os cristãos, eles são aceitos, recebidos e conhecidos por Jesus. Esse conhecimento que Cristo tem dos que são seus é evidenciado pelo novo nome que eles recebem (v.17). Vemos isso presente nas Escrituras, quando Deus

muda o nome de Abrão para Abraão, de Jacó para Israel. Essa mudança ocorre quando o relacionamento das pessoas com Deus é transformado.

Esse novo nome escrito na pedrinha branca significa que, por mais que os cristãos não sejam respeitados, honrados no presente século por este mundo que jaz no Maligno (1Jo 5.19), Jesus os honrará. O apóstolo Paulo escreve sobre essa glória a ser revelada em nós: "[...] se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados. Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus" (Rm 8.17-19).

CONCLUSÃO

A igreja de Pérgamo não negou a fé completamente, contudo, deixou-se levar pela cultura circundante. A tentativa de manter a fé em Cristo em associação com ensinos falsos estava destruindo a igreja e fazendo com que o nome de Jesus fosse desonrado. Mas a missão da igreja é o oposto, isto é, honrar o nome de Cristo e torná-lo cada vez mais conhecido. Portanto, corromper o seu ensino é corromper a sua reputação. Por isso, devemos tomar cuidado para que o nosso ensino e vida não sejam motivos de acusação, como o foram para os judeus infiéis. "[...] como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa" (Rm 2.24). Devemos nos lembrar que o Senhor Jesus é o juiz da igreja (1Pe 4.17) e ele é zeloso pelo seu povo eleito.

APLICAÇÃO

Devemos atentar para nosso envolvimento com a cultura idólatra à nossa volta. Precisamos buscar sabedoria para discernir os tempos, observando atentamente a sã doutrina, sem fazer alianças espúrias, preocupados com a aceitação social. Deus, em Cristo, é fiel e cuidará de nós, por isso, não é preciso buscar refúgio em falsas promessas de paz que o mundo oferece. Nós temos um Senhor que está presente com o seu povo para buscar os que se arrependem dos

seus maus caminhos e julgar os falsos mestres que entram em seu meio para fazê-lo tropeçar. Busque no poder do Espírito Santo ser fiel, e Cristo o recompensará.

6

TIATIRA: UMA CERTA TOLERÂNCIA

... e fidelidade integral!

Apocalipse 2.18-29

Para ler e meditar durante a semana

D – Jo 14.1-15 – Jesus é a verdade; **S** – Jo 16.1-24 – O Espírito da verdade; **T** – Jo 17.1-26 – A tua palavra é a verdade; **Q** – 2Tm 2.24-26 – Disciplinando com mansidão; **Q** – 2Tm 3.1-5 – Zelo pela verdade; **S** – Gl 5.19-26 – Idolatria, obra da carne; **S** – Cl 3.1-12 – Despojai-vos e revesti-vos

INTRODUÇÃO

Considere a seguinte afirmação de J.D. Charles: "O que era uma virtude pública em seu estado anterior torna-se um vício se, quando cessa de se importar com a verdade, ignora o bem comum e desdenha os valores que sustentam uma comunidade. A cultura da 'tolerância' na qual hoje nos encontramos é uma cultura em que as pessoas não acreditam em nada, não têm um conceito claro do certo e do errado e são notadamente indiferentes a essa situação precária. Como resultado dessa transmutação, a 'tolerância' torna-se indistinguível de um relativismo intolerante. O desafio a ser enfrentado pelas pessoas de fé é aprender como purificar a tolerância para que permaneça uma virtude, sem sucumbir às forças centrípetas do relativismo e do espírito da era" (*Apud* D. A. Carson. *A intolerância da tolerância*. Cultura Cristã, p. 79).

Sob essa perspectiva, consideraremos a tolerante (relativista?) igreja de Tiatira, que estava sob a ameaça de deixar de ser igreja devido às suas imposturas.

I. IDENTIFICAÇÃO DE JESUS

O Senhor Jesus se apresenta repetindo as palavras de 1.14-15 como aquele que tem os "olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido", figuras que ecoam as palavras do profeta Daniel 7.9 e 10.6. Os olhos de fogo, conforme 19.12, descrevem o olhar judicioso de Cristo, para nos lembrar que o seu olhar ultrapassa qualquer fronteira e, por essa razão, ele vê todas as igrejas e

tem a competência infalível de diagnosticar o seu real estado. Os pés são o fundamento. Cristo não tem pés de barro, nós é que temos (Dn 2.33-34,41-42). Nós é que somos frágeis, falíveis e vulneráveis, porém, os pés de Cristo são o seu fundamento e o alicerce de toda a sua igreja. Não há outro que possa ser comparável a ele (1Co 3.11).

"Conheço as tuas obras", diz o Senhor às igrejas de Éfeso, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia, expressando sua intimidade e proximidade com a igreja. Cristo tem a máxima familiaridade com sua igreja (Jo 10.14-15).

II. UMA IGREJA ATUANTE, PORÉM...

Desse conhecimento provém o seu diagnóstico. Jesus aponta objetivamente tanto os pontos positivos quanto os negativos de Tiatira, reconhecendo que sua obra havia sido eficaz ali, porém, o desvio daqueles irmãos começava a comprometer gravemente a santidade da igreja. Cinco virtudes são destacadas: obras, amor, fé, serviço, perseverança. Todas essas virtudes estavam em franco crescimento, tendo em vista que as últimas obras eram mais numerosas do que as primeiras, o que nos mostra uma igreja ativa, amável e zelosa pelo próximo. As obras, o amor e o serviço da igreja destacam o cuidado que havia de uns pelos outros, os trabalhos de comunhão, oração e ajuda mútua. A fé e a perseverança sugerem algum período de perseguição que eles enfrentaram e resistiram firmemente. Embora haja correções a serem feitas na igreja, o Senhor não deixa de destacar que registrou as virtudes de Tiatira.

O fato de as últimas obras serem mais numerosas do que as primeiras nos revela que as cinco obras elencadas estavam em franco desenvolvimento. Vale comparar com a igreja de Éfeso, que havia sido repreendida por falta do "primeiro amor". O que Tiatira tinha de sobra faltava aos efésios.

A. Uma dose de intolerância

Porém, a igreja tinha de prestar contas do seu ponto fraco: a sua tolerância com o erro. E, mais uma vez, temos aqui um contraste com a igreja de Éfeso, em algo que ela foi elogiada porque não suportava "homens maus" e hereges em seu meio. A igreja, que é uma esfera particular e voluntária, tem uma confissão, e um

país que nos permite a liberdade religiosa, como o nosso, também nos permite uma confissão.

Ainda que as leis brasileiras não nos permitissem exercer a nossa fé, isso não nos impediria de fazê-lo, pois não dependemos da anuência governamental para sermos cristãos. Contudo, considerando que vivemos num país em que esse direito nos é garantido, temos o direito e, sobretudo, o dever bíblico de zelarmos pela pureza da igreja, o que nos impõe critérios para quem deseja ser membro de nossas igrejas.

B. Características de Tiatira

Seguindo as informações de Kistemaker (*Apocalipse*, p.186), Tiatira era uma cidade muito bem localizada, fazia rota comercial entre Pérgamo e Sardes e havia uma estrada que a ligava com Esmirna. Ela foi conquistada pelos romanos em 190 a.C. e se tornou um importante foco comercial com a presença de variadas profissões, como padeiros, curtidores, pintores, oleiros, etc. Esse comércio estava sob a tutela de guildas, que eram sindicatos adoradores dos deuses Ártemis e Apolo. Considerando que o trabalho contava com a "bênção" desses deuses, somente os trabalhadores que a eles fossem devotos é que teriam chance de progredir. Por essa razão, os cristãos da cidade começaram a perder o seu espaço comercial e a enfrentar a pobreza. "Os cristãos que se recusavam a honrar os deuses pagãos, a comer carne sacrificada aos ídolos e a praticar a imoralidade sexual arriscavam sua existência material. Eram considerados párias pela sociedade", diz o comentarista.

III. IDOLATRIA E PROSTITUIÇÃO

Na denúncia de Jesus, ele destaca uma mulher, Jezabel, que se autodeclarava profetisa, ensinava e induzia os membros da igreja à prostituição e a comerem carne sacrificada a ídolos (v.20). Provavelmente, Jezabel não era o nome literal dessa mulher. Esse nome é usado para trazer à memória a infame esposa fenícia de Acabe, casal responsável por instituir a adoração de Baal como oficial em Israel (1Rs 16.31-33; 21.25; 2Rs 9.22). A indução à prostituição se refere primeiramente à idolatria, que é o motivo pelo qual Deus repreende diversas

vezes Israel por quebrar os dois primeiros mandamentos (Jr 3.7-10; Ez 16; 23), mas também pode ser entendida como a prática sexual entre os adoradores dos templos pagãos, onde os cristãos começaram a se corromper. Persuadidos por aquela profetisa, muitos foram convencidos de que não haveria problema ter relações com outras pessoas para salvar seus negócios, a fim de não caírem na indigência.

A tolerância da igreja de Tiatira, portanto, agredia mandamentos claríssimos de Deus quanto à participação em cerimônias dedicadas a demônios e quanto a pecados sexuais. Deus amava a igreja de Tiatira, mas não poderia ser indiferente ou ser conivente com o seu pecado e vícios e, por essa razão, deu-lhe um tempo para que se arrependesse. Foi essa a recomendação de Paulo a Timóteo, que os que se encontravam "cativos" pelo diabo (2Tm 2.26) fossem disciplinados com mansidão, "na expectativa de que Deus lhes conceda [...] o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade" (v.25).

De alguma maneira, Deus sempre quer nos comunicar a sua verdade, nos instruir, disciplinar e nos despertar da sonolência do pecado. Porém, o prazo para "ouvir" e se arrepender tem limite, e Deus estabelece um tempo perfeito e justo para cada um de nós.

IV. CRISTO QUER A PURIFICAÇÃO DA IGREJA

Se não atentarmos às suas advertências, Cristo nos tratará como for necessário, a fim de que a sua igreja seja purificada. Não podemos esquecer que o Senhor Jesus nos ama profundamente e sempre nos amará. Ele já provou isso. Contudo, enquanto ele mantém os seus olhos atentos a cada um de nós, ele também mantém os olhos sobre a igreja de modo geral e trabalha para vê-la cada dia mais bela, mais pura (Ef 5.27).

Por essa razão, os v.22-23 nos revelam a profunda ira de Cristo contra o pecado, alertando-nos sobre o risco de deixarmos de observar os seus mandamentos.

Por algum tempo, Deus permite que o pecador se mantenha numa vida de pecado e desobediência, "[...] deixei-o andar na teimosia do seu coração; siga os

seus próprios conselhos” (Sl 81.12). Se nada escapa ao seu controle soberano, em sua sabedoria infinita ele não disciplina nem pune imediatamente cada transgressão ou blasfêmia que sofre diariamente, mas já tem, em sua mente, o tempo adequado e a maneira de agir com cada um de nós.

Com Tiatira, sua palavra determina que Jezabel ficará prostrada. Ela e seus filhos, isto é, seus seguidores, sofreriam consequências. Deus é o Ser mais longânimo do universo, mas sua paciência é limitada pela sua justiça (Rm 2.4; Sl 7.11-13).

Quando esse limite termina, é porque chegou o tempo do juízo. O v.23 diz: “[...] eu sou aquele que sonda mente e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras” (2Cr 16.9). Isto é, o justo Juiz aplica a sua justiça de forma retributiva, considerando os pecados de forma individual. Isso mostra o equilíbrio e o olhar cuidadoso que Jesus tem para considerar caso a caso.

Pecados mais graves recebem disciplina mais severa, enquanto pecados mais amenos recebem disciplina atenuada. Uma acusação ainda mais severa é quando o Senhor associa o pecado deles como um conhecimento adquirido nas “coisas profundas de Satanás” (v.24).

Provavelmente, essa expressão é contra-posta à suposta alegação de que Jezabel, como profetisa, tinha acesso às coisas profundas de Deus, como se ela pudesse defender e ensinar segredos que nenhum outro apóstolo do Senhor havia recebido.

Um último detalhe deste ponto a ser enfatizado é que Cristo deu à igreja autoridade para que ela exerça disciplina (Mt 18.15-20). Ela o representa com dois propósitos, tanto para recuperar o irmão em pecado como para manter a pureza da igreja (1Co 5.1-13). Quando a igreja se recusa a exercer a disciplina, permitindo que o pecado se desenvolva, então o Senhor da igreja se encarrega de purificá-la.

V. ENCORAJAMENTO AOS FIÉIS

Aos fiéis, a palavra é de encorajamento: “[...] conservai o que tendes” (v.25). Se você está numa igreja muito corrompida, percebe que há muita coisa errada

acontecendo e a liderança se mantém distante ou indiferente ao erro, conserve a sua integridade e não se deixe corromper. A igreja de Tiatira ainda preservava um grupo de fiéis que preservavam a doutrina correta e não seguiram a tal profetisa.

Como modelo em todas as sete cartas, Jesus concede uma promessa àqueles que se mantiverem fiéis. A promessa é altamente gloriosa, pois Cristo promete compartilhar o seu reinado com aqueles que forem firmes até o fim e, claro, a firmeza será ainda mais notável em meio à pressão coletiva para tentar fazer o crente cair em pecado. Aos que resistirem, Jesus dará autoridade sobre as nações, um cetro de ferro para regê-las e destruir todos os inimigos de nosso Senhor. Esse reino já é presente a todo fiel, conforme 1.6 (Êx 19.6; 1Pe 2.9), e Paulo usa a mesma ilustração para falar de nossa posição hoje, pois Deus nos fez "assentar nos lugares celestiais" (Ef 2.6), onde Cristo já se assentou, à sua direita (Ef 1.20). As palavras do v.27 ecoam claramente o salmo 2.8-9, um salmo de realeza, que destaca a soberania de Cristo.

A segunda promessa aos fiéis, é que receberão "a estrela da manhã" (v.28), que é o próprio Senhor Jesus (Ap 22.16). Essa descrição que Cristo faz de si mesmo o revela numa posição superior à de César e a toda divindade romana. E não apenas ele, mas todos os crentes que compartilham da sua glória. Portanto, aqueles fiéis de Tiatira, ainda que sofressem desprezo pelos membros idólatras da própria igreja, ou ainda que a cidade os perseguisse por não se renderem às conveniências luxuriosas e imundas da sociedade e do comércio, brilhariam juntamente com Cristo.

CONCLUSÃO

A igreja de Tiatira tinha virtudes e defeitos, razão tanto para receber encorajamento de Jesus como para ser ameaçada de disciplina, caso não se arrependesse. Hoje, precisamos prestar atenção para averiguar se o Senhor Jesus tem visto essas mesmas virtudes em nós hoje e se, porventura, não temos aberto demais as portas da igreja para as influências idólatras e promíscuas de nossa sociedade.

APLICAÇÃO

Analise sua vida, observe se você não tem negociado princípios bíblicos a fim de agradar pessoas. Somos sempre tentados a reduzir nossos padrões de fidelidade com o fim de sermos mais aceitos pelas pessoas. Cuidado para não cometer esses mesmos erros.

7

SARDES: APENAS UMA MINORIA FIEL

Acomodado e presunçoso? Então, é hora de arrepender-se para ser revitalizado

Apocalipse 3.1-6

Para ler e meditar durante a semana
D – At 2.37-41 – Palavra que desperta; **S** – At 9.1-19 – Vida redirecionada;
T – 2Co 5.18 – 6.3 – Ministério da reconciliação; **Q** – Lc 5.1-11 – Quebrando as nossas defesas; **Q** – Sl 32.1-11 – Pecado confessado; **S** – Sl 51.1-19 – Espírito quebrantado; **S** – Sl 130.1-8 – Clamando das profundezas

INTRODUÇÃO

"Medíocre" é uma palavra muito desagradável. Ofensiva até. Segundo os dicionários, trata-se de um adjetivo (uma palavra que qualifica outra) que pode ser usado em referência a um substantivo masculino ou feminino. Significa "algo de qualidade média, comum; modesto, pequeno"; ou, quando usado pejorativamente, "algo sem brilho ou expressão; pobre, banal".

Ninguém prestará atenção a uma igreja se ela tiver essas características. Ela não terá adversários, porque ninguém ficará incomodado com a sua presença, que, aliás, talvez nem tenha sido notada. Sal da terra e luz do mundo? Ela passa longe disso.

Seu futuro? Poderá não existir. Depende de como ela reage ao seu estado de coma. Uma igreja assim precisa prestar muita atenção à carta do Cristo ressuscitado à igreja de Sardes.

I. AUTOIDENTIFICAÇÃO DO SENHOR E A IDENTIFICAÇÃO DA IGREJA

A igreja de Sardes não estava em uma boa situação diante de Deus. Com Laodiceia, ela não recebe qualquer elogio, apenas um incentivo, porque ainda tinha um mínimo de virtude, como um último suspiro, que ainda podia

identificá-la como uma igreja. Laodiceia estava numa situação muito pior, praticamente sem esperança, o que veremos em outra lição.

O Senhor Jesus se apresenta como “aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas” (3.1). Essa descrição se assemelha muito à maneira como ele fala aos efésios (2.1). Os “sete espíritos” destacam que Jesus possui a plenitude do Espírito Santo e, pelo seu poder, ele diagnostica, adverte e julga. As sete estrelas são os mensageiros, os ministros do evangelho, enviados por Deus às igrejas para anunciar sua palavra. Jesus tem essas estrelas na mão. Ele é o Senhor dos ministros do evangelho.

II. UM CORPO GANGRENANDO

Sobre a igreja de Sardes, a primeira palavra de Cristo é negativa: “Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto” (3.1). Essa é uma dura constatação que Jesus faz da situação da igreja. Ele não diz “está morrendo”, mas “está morto”. Eles pensavam estar espiritualmente vivos, e Jesus lhes diz o contrário. Segundo o v.2, contudo, existe uma pequena, mas verdadeira motivação para que essa carta seja enviada, pois Jesus vê que ainda há ali crentes fiéis e verdadeiros e, por isso, lhes dá um importante encorajamento: “[...] sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer”. A imagem é de um corpo com os quatro membros já gangrenando e com a necessidade urgente de amputá-los, antes que a infecção atinja os órgãos vitais.

A parte que permanece saudável precisa de antibióticos e cuidados especiais, pois ainda pode se recuperar. Pelo teor da carta, seguindo a interpretação de Kistemaker, a igreja de Sardes vivia um cristianismo inexpressivo, que não despertava nem a admiração nem a oposição nem dos judeus nem dos gregos. “Entre as sete igrejas, a de Sardes era a que apresentava menos fervor espiritual. Sua adaptação ao ambiente religioso evitou que a igreja fosse perseguida, pois quase ninguém a percebia. Seu estilo de vida inofensivo garantia uma paz religiosa, mas resultou na morte espiritual aos olhos de Deus. Com a exceção de alguns poucos membros fiéis, que mantinham acesa a chama do evangelho, a igreja estava morrendo aos poucos, como um fogo que não é reabastecido. No

entanto, entre as cinzas ainda se encontravam algumas brasas ardentes" (*Apocalise*, p. 201). Beale concorda com essa perspectiva, dizendo que "os cristãos de Sardes temiam que, se manifestassem um perfil cristão muito elevado na cidade, enfrentariam perseguição de vários tipos, talvez não tão diferente daquela também mencionada nas cartas anteriores" (*Brado de vitória*, p.73).

III. LEMBRA-TE

A primeira parte do v.3 tem uma sequência de verbos importantíssimos para compreendermos a paciência e o amor perseverante de Cristo pela igreja de Sardes, ainda que ela não estivesse disposta a manifestar o mesmo amor e devoção ao Senhor. São eles: "Lembra-te (*imperativo*), pois, do que tens recebido (*perfeito*) e ouvido (*perfeito*), guarda-o (*imperativo*) e arrepende-te (*imperativo*)". "Lembra-te" indica urgência de que os crentes de Sardes tragam à memória o que já sabiam sobre Cristo e seu compromisso "agora". O "que tens recebido", no tempo perfeito, indica "um permanente depósito", isto é, algo que já havia sido confiado às mãos daqueles irmãos e permanecia com eles; "ouvido", significa que eles estavam ouvindo no tempo certo e determinado por Deus, não atrasado nem adiantado. E os dois últimos imperativos, "guarda-o" e "arrependete" os chamam para uma ação imediata, não havia mais o que esperar. Por muito tempo tinham vivido de modo negligente, e Cristo suportou isso com paciência. Agora, o momento é de ação em direção a um avivamento ou revitalização.

O processo de avivamento sempre começa com arrependimento e sempre vem àqueles que estão moribundos e percebem o real estado de perigo em que se encontram. Cristo quer despertar naqueles irmãos um profundo sentimento de insatisfação com eles mesmos, para que olhem para sua vida e descubram que existe a possibilidade de viver Cristo de modo vibrante, fervoroso, com mais amor, mais testemunho e mais poder. Nas palavras de M. L. Lloyd-Jones, eles precisavam descobrir que "cristianismo comum não é suficiente, mais é exigido" (*Avivamento*. São Paulo: PES, p.174).

Não há como chegar a essa consciência de que existe o "mais" sem a percepção dos pecados fundamentais que levaram a igreja, dia a dia, a ir abandonando

determinados princípios, pensamentos e conduta, até chegar a um estado de letargia e inatividade quase irreversíveis, como um veneno que lentamente vai adormecendo os sentidos, anestesiando a consciência até ao ponto de levar a uma sonolência letal. Quando uma igreja chega a esse estágio e Cristo pessoalmente se coloca diante dela para despertá-la, é sinal de graça.

Desse chamado, a igreja pode despertar para a realidade e concluir que ainda há tempo. Ou, como no caso da igreja de Éfeso, pode se lembrar de quem já foi e desejar voltar ao antigo modo de viver. Para isso, a igreja deve orar, buscar intensamente a Deus, até que ele responda, porque, afinal, todo o poder vem dele, não de nossa boa vontade nem das nossas percepções e determinações mais profundas. Dependemos de Deus e, se queremos ver sua graça operando de modo ainda mais glorioso, precisamos clamar. "Não lhe deem descanso, e não descansem. Persistam. Bombardeiem Deus. Bombardeiem o céu até que a resposta venha" (*Avivamento*, p. 265).

IV. VINDA REPENTINA

A advertência da vinda iminente de Cristo é conhecida no Novo testamento (Mt 24.43; Lc 12.39; 1Ts 5.2-4; 2Pe 3.10) e é grande motivação para a igreja de todas as eras para manter-se sempre alerta. Sobretudo no derramamento da sexta taça da ira de Deus, a mesma figura é usada para despertar as consciências mortas (Ap 16.15). Portanto, Sardes (e todas as outras seis igrejas) estava familiarizada com esse alerta.

A advertência quanto à vinda de Cristo carrega uma ambiguidade, porque em alguns momentos Cristo se refere claramente sobre a sua segunda vinda final, na consumação (2.25; 3.11; 16.15), mas, noutros momentos, como neste dito a Sardes, refere-se ao juízo de Cristo para aqueles que não se arrependerem. Essa ambiguidade nem sempre é fácil de distinguir nas mensagens de Jesus, e isso é proposital, porque o Senhor Jesus quer que a sua igreja, de todas as épocas, esteja sempre atenta para essa iminência. A imprevisibilidade da vinda de Cristo é um intensificador para que a igreja sempre se sinta na urgência de manter um padrão de vida santificado, desperta e preparada.

Devemos ansiar por conquistar um estilo de vida tal que, em meio às nossas atividades comuns, sempre olhemos para os céus, aguardando a vinda de Jesus, ansiando-a e desejando-a, cantando e clamando “maranata”. E, ao mesmo tempo, devemos continuar a viver nosso cotidiano da melhor maneira possível, em bom testemunho, em constante oração, cuidando e zelando daquilo que Deus confiou às nossas mãos.

V. UNS POUCOS CRENTES

Havia crentes em Sardes. Ainda que houvesse ali poucos fiéis, uma igreja continua sendo uma igreja de Cristo, ainda que esteja definhando. O olhar judicioso e infalível de Cristo identificou a parcela fiel, e essa parcela deveria servir de exemplo para a maioria infiel. Aqueles irmãos (v.4) são os que “não contaminaram as suas vestiduras”. “Vestes” é uma figura usada para descrever estilo de vida (Ef 4.22,24; Jd 23) e “branco” é símbolo de pureza e santidade (Is 61.10; Ap 19.8). Apesar do desabamento espiritual e moral ao redor daqueles crentes fiéis, eles tomaram a decisão de se manterem fiéis até o fim.

O encorajamento dado pelo Senhor Jesus aos fiéis de Sardes é de infinito valor. Primeiro, Jesus promete vestir pessoalmente os vencedores, isto é, eles serão plenos naquilo que ainda possuíam parcialmente. Eles procuravam a santidade, mas ainda eram pecadores, porém, o Senhor Jesus é quem termina a obra que ele mesmo inicia (Fp 1.6). Por isso, ele se encarrega de dar vestes plenamente brancas àqueles irmãos.

Em segundo lugar, Jesus garante que o nome dos crentes fiéis de Sardes não será apagado do Livro da Vida. Mesmo Satanás, em toda a sua fúria, com o poder de todo o inferno, com todas as suas acusações, falsas e verdadeiras, não tem poder para desfazer a obra consumada de Cristo (Ap 12.10).

Por fim, em terceiro lugar, Jesus cumprirá o que prometeu em Mateus 10.32. Ele confessará o nome daqueles que lhe pertencem verdadeiramente, de modo que eles recebam a mais elevada honra: serem aprovados pelos lábios de Jesus, *porque ele não se envergonha de nos chamar de irmãos* (Hb 2.11; 11.16).

Todo filho de Deus tem a mais sublime garantia para alimentar nossa fé nesta vida. Conforme Hendriksen: "Quando cidadãos terrenos morrem, seu nome é apagado dos registros; o nome dos vencedores espirituais jamais será apagado; sua vida gloriosa permanecerá. Cristo mesmo os confessará publicamente como seus. Ele fará isso perante o Pai e perante os seus anjos" (*Mais que vencedores*. Cultura Cristã, p. 96).

CONCLUSÃO

A igreja de Sardes já havia se corrompido de tal maneira que não conseguia perceber o grave estado de incredulidade em que se encontrava. Os crentes de Sardes estavam autoconfiantes em sua própria justiça e pureza. Pensavam estar vivos, mas Cristo os declarou mortos. Nessa condição, a única esperança da igreja era se arrepender e receber o avivamento do Espírito Santo. Ainda havia crentes fiéis que, se permanecessem firmes numa vida santa, receberiam a recompensa de Jesus, sendo reconhecidos como verdadeiros filhos de Deus.

APLICAÇÃO

Compare-se com a descrição da igreja de Sardes e se deixe analisar pela Palavra. Você tem sido autoconfiante e presunçoso? Verifique se há pecados não confessados em sua vida e não deixe que o orgulho tenha a palavra final. "Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte" (1Pe 5.6).

A igreja visível e invisível: Todos na igreja são salvos?

A teologia tradicional costuma classificar as pessoas não apenas de acordo com o destino eterno (isto é, "eleitos" e "réprobos"), mas também de acordo com a experiência histórica. Uma das maneiras de fazer essa distinção é relacionada à fé e à incredulidade dentro da igreja: em geral, todos aqueles que pertencem à igreja como organização são batizados e reconhecidos como membros, constituindo, desse modo, a "igreja visível". Todos os verdadeiros cristãos dentro da igreja visível constituem a "igreja invisível".

De acordo com a *Confissão de Fé de Westminster*, a igreja visível "consiste de todos aqueles que pelo mundo inteiro professam a verdadeira religião, juntamente com seus filhos; é o reino do Senhor Jesus, a casa e família de Deus, fora da qual não há possibilidade ordinária de salvação" (*CFW* 25.2). Todos aqueles que fazem uma profissão de fé em Cristo, juntamente com seus filhos, são membros da igreja, ainda que muitos destes não sejam e nunca venham a ser verdadeiramente regenerados. Em outras

palavras, nem todos que frequentam uma igreja são salvos (Mt 7.15-27; 12.47-50; 25.1-46; 1Co 5.11-13; 16.22; 1Jo 2.18-19). Na realidade, normalmente é impossível distinguir dentro da igreja os cristãos verdadeiros daqueles que apenas afirmam seguir a Cristo (Mt 13.24-30,36-43). Dentro da igreja visível, porém, encontra-se o grupo que os teólogos chamam de igreja invisível. A igreja invisível é constituída de todos os cristãos verdadeiros de todas as eras, inclusive daqueles que já faleceram (Hb 11.4-40). "Consiste do número total dos eleitos que já foram, dos que agora são e dos que ainda serão reunidos em um só corpo sob Cristo, seu cabeça; ela é a esposa, o corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todas as coisas" (*CFW* 25.1). Portanto, somente aqueles que são verdadeiramente salvos fazem parte da igreja invisível. Essas pessoas serão poupadas do julgamento e desfrutarão a vida eterna com Cristo.

Essa distinção é importante por vários motivos. Por exemplo, os cristãos devem permanecer alertas quanto aos falsos mestres e falsos cristãos na igreja que podem prejudicar outros por meio de seus falsos ensinamentos, atos, palavras ou exemplos (Mt 7.15; At 20.28-31; 1Co 5.6-13; 1Jo 2.18-19). Os cristãos também devem se lembrar que a igreja em si é um campo missionário, sendo necessário, portanto, pregar e ensinar a mensagem do evangelho visando à salvação não apenas dos visitantes incrédulos, mas também dos membros que ainda não aceitaram a Cristo (Dt 6.4-7; Sl 78.5-8; 2Co 5.20). Além disso, os cristãos não devem se tornar presunçosos com respeito à sua própria salvação; antes, devem buscar com todo afinco a santidade (Hb 12.14; 2Pe 1.3-10) e fidelidade a Cristo (1Co 15.2; Hb 3.14; Ap 14.12) a fim de provar a própria fé e perseverar até o fim (2Co 13.5; Ap 2.7,11,17,26; 3.5,12,21; 21.7).

Bíblia de Estudo de Genebra

8

FILADÉLFIA: UMA IGREJA FIEL

Fidelidade recompensada

Apocalipse 3.7-13

Para ler e meditar durante a semana
D – Sl 92 – Hino de gratidão a Deus; **S** – Is 22.15-25 – O Messias e a chave de Davi; **T** – Jo 10.7-10 – Jesus, a porta; **Q** – Mt 25.1-13 – A parábola das dez virgens; **Q** – Rm 8.18-25 – Os sofrimentos e a glória; **S** – Ap 22.1-5 – A cidade de Deus; **S** – Ap 22.12-21– Vem, Senhor Jesus

INTRODUÇÃO

As cartas às igrejas em Filadélfia e Esmirna são as únicas em que o Cristo ressurreto não aponta faltas. Essa observação é importante, dado que ambas estavam passando por tribulação. Os cristãos de Esmirna e Filadélfia sofriam ataques externos de um grupo específico, denominado “sinagoga de Satanás” (Ap 2.9-10; 3.9-10). Nesse contexto é que Jesus se dirige a essas igrejas, convocando-as a uma vida de fidelidade e perseverança.

A cidade de Filadélfia foi fundada em meados do ano 140 a.C.
A cidade ficou conhecida como a “porta do Oriente”. Seu fundador, Átalo II Filadelfo, de quem a cidade recebe o nome, tinha como propósito torná-la um centro de cultura e expansão do modo de vida helênico. Era uma região conhecida por atividades vulcânicas e lugar de constantes terremotos. A cidade chegou a ser destruída por um terremoto no ano 17 a.C., mas foi reconstruída com ajuda do Império Romano.

O Senhor Jesus declarou ser “o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno” (Ap 1.17-18). Ele afirma possuir “a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá” (Ap 3.7). Essa carta é encorajadora, porque nos revela o propósito de Deus para o mundo e o instrumento que Deus usa para cumpri-lo. Isso é algo que Paulo fala de forma

exultante aos cristãos em Éfeso: "[...] que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais, segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Ef 3.10-11). Eis o propósito de Deus para a igreja em Filadélfia e para todas as igrejas espalhadas pelo mundo.

I. JESUS GOVERNA

Jesus inicia essa carta se identificando com três designações, a saber: "o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi" (Ap 3.7). **Primeiro**, Jesus se denomina "o santo", designação que o revela como o Messias escolhido, que cumpriu a missão dada por Deus. Essa missão foi reconhecida pelo demônio na sinagoga de Cafarnaum. Ao ver Jesus, ele "bradou em alta voz: Ah! Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!" (Lc 4.33-34). O Antigo Testamento usa em muitas ocasiões este termo, "o santo", referindo-se a Yahweh (2Rs19.22; Jó 6.10; Sl 78.41; 89.18; Pv 9.10; 30.3; Is 1.4; 5.19,24).

Segundo, Jesus denomina a si mesmo de "o verdadeiro", outro nome que identifica Jesus como Yahweh. Dito de outro modo, a sua palavra é sempre fiel em tudo o que diz. Se faz uma promessa, ele a cumprirá. Em seu discurso na velhice, Josué afirmou: "[...] vós bem sabeis de todo o vosso coração e de toda a vossa alma que nem uma só promessa caiu de todas as boas palavras que falou de vós o Senhor, vosso Deus; todas vos sobrevieram, nem uma delas falhou" (Js 23.14).

A **terceira** designação que o Senhor Jesus dá a si mesmo é "[...] aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá" (Ap 3.7). Essa linguagem remete ao Antigo Testamento. Adão não guardou o seu estado primeiro de administrador da criação e de responsável pelo cultivo debaixo do controle soberano de Deus. O povo de Israel falhou nessa mesma missão de fazer com que o reino de Deus se espalhasse por toda a terra. Contudo, Jesus é o segundo Adão, que recebeu as chaves para administrar o mundo, e, como afirma Isaías, é o verdadeiro israelita e descendente de Davi,

sobre quem está essa responsabilidade de regência do reino de Deus: “Porei sobre o seu ombro a chave da casa de Davi; ele abrirá, e ninguém fechará, fechará, e ninguém abrirá” (Is 22.22).

Essa chave dada a Jesus é a de abrir portas que permitam que a igreja avance em sua tarefa de anunciar o reino de Deus neste mundo, que jaz no maligno. A igreja em Filadélfia não tinha o poder de influência que o mundo busca, e Jesus alertou sobre isso (Mt 20.26). Contudo, a atuação do Senhor ressurreto era o que a fazia avançar no testemunho e nas boas obras, mesmo em meio às perseguições.

Essa verdade é um encorajamento para a obra missionária em territórios hostis, já que Jesus é o responsável por abrir e fechar as oportunidades de avanço do reino.

II. JESUS CONHECE

Jesus se dirige à igreja em Filadélfia dizendo: “Conheço as tuas obras – eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar – que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome” (v.8). Primeiro, Jesus demonstra a sua onisciência. Ele conhece as obras da igreja, sabe que é uma igreja que tem pouca força. Ela, no entanto, se mantém fiel, guardando a palavra do testemunho do Nome que está acima de todo nome. A igreja de Filadélfia era fraca, pequena e sofredora aos olhos do mundo, mas, por conta de sua fidelidade, é elogiada por Jesus. A igreja tinha, diante de si, oportunidade para avançar na missão de pregação do evangelho e na prática de boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que os cristãos andassem nelas (Ef 2.10).

Além de aparentarem fraqueza aos olhos do mundo, esses irmãos de Filadél-fia eram vítimas de acusações feitas por falsos judeus, a “sinagoga de Satanás”, a mesma referência presente na carta à igreja de Esmirna (Ap 2.9). Esses falsos judeus, provavelmente judeus e gentios prosélitos, são aqueles que não passaram pela porta, conforme Jesus: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo” (Jo 10.9). Como só Jesus tem a chave da porta, somente por meio dele é

possível entrar no reino. Portanto, a verdade é: judeus e gentios que confessam Jesus são o povo de Deus (Gl 3.7). A comunidade do Messias será reconhecida pelos da sinagoga de Satanás como sendo o povo proveniente da semente de Abraão; judeus e gentios cristãos serão reconhecidos como receptáculos das promessas e do amor de Jesus. A unidade entre Cristo e a igreja é tamanha que tais mentirosos se prostrarão aos pés do corpo de Cristo, em reconhecimento de que ele ama seu povo (Ap 3.9).

III. JESUS NOS GUARDA

"Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra" (Ap 3.10). Mais uma vez, Jesus reafirma a importância de guardar a Palavra de Deus. "Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti" (Sl 119.11). Aqui, no entanto, Jesus inclui "palavra da perseverança", referindo-se à atitude dos cristãos em Filadélfia, diante das provações que enfrentavam. A atitude diante da Palavra é de crer e observar, perseverando em uma vida de obediência.

Por ter guardado a Palavra de Deus, ele também guardará a igreja na hora da provação que virá sobre o mundo inteiro. Os cristãos, no século 1º, viviam sob a perspectiva da vinda iminente de Jesus e do seu reino (Rm 13.11; 1Pe 4.7). Jesus está vindo para reivindicar o mundo e colocar os inimigos debaixo dos seus pés (Mt 22.44; 1Co 15.25), e os sinais de que isso está acontecendo estão sendo experimentados pelos habitantes da terra. A igreja de Filadélfia passaria por provações que mudariam o cenário cultural, político e religioso pelos séculos vindouros. Foram elas a destruição do templo em Jerusalém no ano 70 d.C. e a queda da dinastia júlio-claudiana, no ano 68 d.C.

Contudo, em meio às provações, Jesus, o Rei soberano, convoca seus irmãos a conservarem o que receberam, perseverarem até o fim para que, como igreja na cidade de Filadélfia, permaneçam como reino e sacerdotes de Deus. Jesus já venceu o mundo, contudo, ainda aguardamos a sua vinda, que não tarda (v.11), para que reinemos com Cristo no novo céu e na nova terra. Paulo relata a

Timóteo sua experiência com essa verdade: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda" (2Tm 4.7-8).

IV. JESUS HONRA

O Senhor Jesus conclui esta carta com uma promessa de recompensa futura. "Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome" (Ap 3.12).

A ressurreição de Jesus no terceiro dia foi o início da nova criação de Deus. Ao vencer a morte, Jesus se tornou as primícias da nova criação. Ele venceu o maior inimigo, a morte, que mantinha os seres humanos e a criação em estado de escravidão e inutilidade (Rm 8.19-23). Por causa da vitória do Messias, temos a promessa de vitória com ele. E essa vitória implica duas coisas. Primeiro, uma nova posição e, segundo, uma nova identidade.

Os cristãos serão colunas no santuário de Deus e terão uma nova posição. Segundo o apóstolo Pedro, "como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo" (1Pe 2.5). Ou seja, os cristãos, como colunas ou pedras vivas, estão formando um reino de sacerdotes que servem a Deus nesse novo reino (Ap 1.5-6), que teve o seu início no domingo da ressurreição. A nova vida é cheia de sacrifícios (Rm 12.1). Nela oferecemos tudo o que temos e somos para a glória de Deus (1Co 10.31). No dia da ressurreição, em Cristo, Deus estabelecerá o novo céu e a nova terra, fazendo do mundo um santuário. Esse foi o seu intento original no Éden.

O reino de Deus já está presente, ativo e dinâmico, pois Cristo o trouxe em sua vinda (Lc 11.20), e a igreja é o meio usado por Deus para manifestar parcialmente o que um dia se revelará em plenitude (Ef 1.22-23). Enquanto aguardamos a vinda do nosso Salvador, prosseguimos em uma vida de culto e

consagração, de combate ao erro e defesa da verdade. Foi nessa perspectiva que Paulo exortou Timóteo a perseverar, mirando o dia em que Cristo definitivamente subordinará a si todas as coisas (1Tm 6.12-16).

Os cristãos receberam uma nova posição (Sl 52.8; 92.13) e uma nova identidade. A igreja é marcada por três nomes: o nome de Deus, o nome da cidade de Deus e o nome de Jesus. Esses nomes identificam o povo do Messias como separado, escolhido, santo, do mesmo modo como identificavam os sacerdotes na antiga aliança (Êx 28.36). Essa promessa escatológica aponta para a consumação final, quando céu e terra se unirão, quando o reino de Deus, que já está presente, se manifestará (Ap 22.17).

CONCLUSÃO

A igreja de Filadélfia mantinha os seus olhos no Autor e Consumador da fé (Hb 12.2). Mesmo tendo pouca força, vivia na prática de boas obras, que foram reconhecidas por Jesus. Essa igreja foi elogiada porque personificava a mesma fidelidade das virgens prudentes da parábola contada por Jesus (Mt 25.1-13). Esta deve ser a expectativa da noiva do Cordeiro, vigiar e esperar, por vezes, contra a esperança (Rm 4.18), porque o nosso Senhor Jesus é fiel, ele tem as chaves do reino. Ele governa sobre tudo, conhece a nossa situação, nos guarda na provação e nos honra com as suas dádivas. "Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Ap 3.13).

APLICAÇÃO

Seja fiel no pouco (Mt 25.21). É o que Jesus espera da sua igreja. As oportunidades e possibilidades provêm dele, portanto, não devemos nos preocupar primeiro com a nossa relevância social, impacto cultural ou com a força da nossa igreja. É o Senhor Jesus quem abre portas e permite que, como igreja, passemos por provações. O importante em tudo isso é nos mantermos fiéis, como a igreja de Filadélfia, e guardarmos a Palavra de Deus, conservando a integridade diante de Deus, vivendo uma vida sacerdotal, que busca, em todas as

esferas da vida, individual, familiar e vocacional, servir ao Senhor, ansiando pela renovação de todas as coisas (Ap 21.1-2).

9

LAODICEIA: ELA SE ACHAVA, MAS...

As coisas podem não ser como pensamos

Apocalipse 3.14-21

Para ler e meditar durante a semana

D – Sl 139 – Deus onisciente; **S** – Ef 1.3-14 – As bênçãos espirituais em Cristo; **T** – Rm 12.9-21– Virtudes recomendadas; **Q** – Ct 5 – Meu amado à procura; **Q** – Ap 18 – A ruína da Babilônia; **S** – Sl 115 – Contra os ídolos inúteis; **S** – Mt 10.40-42 – As recompensas

INTRODUÇÃO

A cidade de Laodiceia ficava no vale do rio Lico, próximo a Colossos e Hierápolis. Seu nome foi dado por Antíoco II, em homenagem à sua esposa, Laodice. A cidade foi conquistada pelos romanos em 133 a.C. Foi construído em Laodiceia um sistema de tráfego comercial, de leste a oeste e de norte a sul. Isso a favoreceu, trazendo muita prosperidade, tornando-a o grande centro bancário de toda a região. Os agricultores locais haviam desenvolvido uma raça de ovelha negra cuja lã era de qualidade superior. Havia na cidade também uma escola de medicina que se especializou no cuidado dos olhos. Lá eles desenvolveram um colírio eficaz para infecção nos olhos, conhecido popularmente como pó frígio.

Com tantos recursos, os laodicenses se orgulhavam de sua riqueza.

Esse é o contexto dessa carta que tem como destinatária a igreja apática, indiferente e morna de Laodiceia. (v.16) A tal ponto iludida e cega quanto a si mesma (v.17), ela recebe a repreensão mais severa se comparada com as outras igrejas. Sua condição pode ser exemplificada na descrição que Jesus faz dos inúteis: “Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens” (Mt 5.13). Não vem da boca de Jesus nenhum elogio a essa igreja, por isso, o tom urgente da carta utiliza imagens fortes, para persuadi-la ao arrependimento.

I. JESUS CONHECE

A carta inicia com a identificação de Jesus como "o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus" (Ap 3.14). A designação tripla de Jesus mais uma vez referida nesse livro remete ao anúncio do Deus Trino que está redimindo todas as coisas (Ap 1.8; 22.13). **Primeiro**, Jesus é o Amém, termo da língua hebraica para "ser verdadeiro" ou "ser fiel". O próprio Jesus usa essa palavra a respeito de si mesmo e de sua mensagem. O evangelho de Mateus, que foi lido primeiro por judeus, apresenta o termo muitas vezes (Mt 5.18,26; 6.2,5,13,16; 8.10; 10.15,23,42; 11.11; 16.28; 17.20; 18.3,13,18; 19.23,28; 21.21,31; 23.36; 24.2,34,47; 25.12,40,45; 26.13,21,34). Em 2Coríntios 1.20, Paulo diz que todas as promessas de Deus têm o seu "amém" em Cristo. Ou seja, Jesus é o cumprimento e a consumação da obra de Deus, o Amém para todas as promessas de Deus a Israel. Nesse sentido, ao obedecer plenamente à vontade do Pai e completar a sua obra, Jesus confirma que, nele, todas as coisas, no céu e na terra, têm sua finalidade e objetivo últimos. Ou, nas palavras de Paulo, o propósito "[...] de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra" (Ef 1.10).

Segundo, Jesus é a testemunha fiel, ou seja, Jesus apresenta Deus ao mundo (Rm 3.25-26), testemunhando que Deus não pode mentir e que nenhuma de suas promessas cai por terra.

A ressurreição é o maior sinal de que Deus é fiel às suas promessas (Rm 4.25).

Terceiro, Jesus é "o princípio da criação de Deus", e tal referência pode ser a Jesus como o Alfa, aquele que estava com Deus no princípio (Jo 1.1). Ou também a designação pode referir-se a Jesus ressurreto dentre os mortos como o primeiro homem da nova criação, o primeiro sinal desse novo mundo que está surgindo. Quando Jesus saiu do túmulo no terceiro dia, no domingo da ressurreição, "[...] de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem" (1Co 15.20).

Após se identificar, Jesus afirma o seu conhecimento da situação da igreja em Laodiceia: "Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera

fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca" (Ap 3.15-16).

Craig R. Koester (*Revelation*) argumenta que a linguagem usada aqui é de hospitalidade. A igreja não estava cumprindo o mandamento (Rm 12.10-13; Hb 13.2; 1Pe 4.9-10; Tg 2.15-16). O vinho era uma bebida servida em momentos de recepção de convidados e visitantes, sendo resfriado com neve ou aquecido com água quente. Quente ou frio, o vinho é uma bebida agradável; morno, não é. Um anfitrião que oferece vinho morno já falhou em sua recepção e insultou seu convidado. Essa mesma linguagem de hospitalidade é usada por Jesus no versículo 20.

Jesus reconhece na igreja essa falta de hospitalidade. Em vez de viverem uma vida de serviço, autossacrifício e imitação do Senhor, hospedando e amando, eles se viam como autossuficientes, fechados em si mesmos e satisfeitos consigo mesmos. Dizendo: "Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma" (Ap 3.17). A situação da igreja é de autoengano. Ela se vê rica, relevante, poderosa, pelos motivos errados, provavelmente pela sua relação com a Babilônia (Ap 17.3-8). O seu relacionamento com o mundo a tornou morna, e essa mornidão leva Jesus a ter náuseas, sinal de repúdio. Se não houver mudança, essa igreja continuará em seu estado de miséria: "[...] nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu" (v.17).

II. JESUS ACONSELHA E REPREENDE

Depois do diagnóstico daquele que sonda mentes e corações (Sl 139; Pv 21.2; Jr 17.10), Jesus aconselha a igreja. Ele não dá ordens, pois o conselho dado em um tom de hospitalidade pode resolver a situação. Esse conselho é dado a uma igreja obstinada e indisciplinada, ou, nas palavras da revelação, a um povo de dura cerviz (Dt 9.6; At 7.51).

"Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas" (Ap 3.18). Jesus aconselha a igreja a abandonar as riquezas oferecidas por este

mundo, porque a cidade dos homens edificada sobre o pecado irá cair (Ap 18). O conselho é para que os laodicenses comprem de Cristo o que eles têm procurado no lugar errado.

Jesus oferece três bens específicos: ouro, roupas e colírio para olhos, justamente o que eles se gabavam de possuir. Esses bens suprem o estado de pobreza, cegueira e nudez (v.17). Essa passagem e as anteriores fazem a alusão ao livro Cântico dos Cânticos. A noiva de Cristo está em um estado de sonolência e, consequentemente, é indiferente e apática às investidas do noivo (Ct 5.2-6). O chamado é para que a igreja, desde já, busque se adornar como uma noiva, preparando-se para as bodas do Cordeiro (Ap 19.5-10). Paulo descreve o alvo do amor e da entrega de Cristo pela igreja nos seguintes termos: "[...] para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito" (Ef 5.27). E a missão de Paulo, como amigo do noivo, é a mesma: "[...] vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo" (2Co ١١.٢).

Jesus exorta a igreja de Laodiceia a cultivar o amor que é mais forte que a morte (Ct 8.6), por isso a repreensão: *"Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te!"* (Ap 3.19). Jesus mostra o seu amor zeloso, que não admite concorrência. Não é possível servir a dois senhores (Mt 6.24). Por isso, Jesus afirma que é por causa de seu amor que ele disciplina. A disciplina só é aplicada aos da família (Hb 12.6), não aos de fora dela. Nesse sentido, Jesus busca a correção daqueles por quem ele derramou o seu sangue, portanto, o seu chamado é um chamado de mudança: Arrependam-se! Essa repreensão é para que a igreja de Laodiceia olhe para a sua situação miserável, lamente por isso, volte para o noivo e busque tudo de que ela precisa para a vida e para a piedade (2Pe 1.3). Esse chamado, portanto, é para imitar Jesus em seu amor zeloso e sacrificial, que leva a atitudes práticas de hospitalidade. É disso que o versículo 20 trata.

III. JESUS PROMETE

Como os laodicenses podem comprar, se são pobres? Como alguém pode se tornar rico comprando? O convite simbólico de Jesus ecoa Isaías 55.1, que promete comida, vinho e leite àqueles que vêm comprar e não têm dinheiro. Como comenta Peter Leithart: “Não há custo para o que Jesus oferece. Ele abre um mercado e já cobriu o custo de todas as compras” (*Revelation 1-11*. T&T Clark, p.205). Jesus bate à porta e a igreja tem apenas de abri-la para receber esses dons: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo” (Ap 3.20).

A cena lembra Cântico dos Cânticos (5.2). A noiva acorda ao som do seu amado batendo à sua porta e de sua voz a chamá-la. O amado chega para despertar sua amada. Ele está desejoso por comunhão e diz: “Deixe-me entrar, meu amor, minha querida, minha pombinha sem defeito, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, e os meus cabelos, das gotas da noite” (Ct 5.2. NAA). Jesus, o Amado, agora bate à porta da igreja de Laodiceia para desfrutar de uma festa de amor com os poucos remanescentes. Jesus promete começar a festa com qualquer um que venha abrir a porta para jantar com ele, e ele traz consigo tudo de que eles necessitam, contanto que não o recebam com desdém, dando-lhe as sobras do dia anterior, dando menos do que o amor esperado de uma noiva devotada e ansiosa pela chegada do seu noivo.

A cena final é um casamento real, e a esposa do Rei se assenta no trono do reino. “Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono” (v.21). Na linguagem paulina, a igreja é coerdeira com Cristo (Rm 8.17). Ou seja, tudo que é do nosso esposo é nosso. Essa verdade fez Paulo exultar: “[...] tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus” (1Co 3.22-23).

CONCLUSÃO

A igreja de Laodiceia estava cega quanto à sua própria situação. Seu relacionamento com a idolatria a cegou para a verdade a respeito de si mesma e

de seu relacionamento com Jesus. Como diz o salmo 115 ao descrever a situação daqueles que adoram ídolos, os laodicenses acabaram se tornando como os ídolos inúteis.

A igreja de Laodiceia se tornou o que ela adorava: infeliz, miserável, pobre, cega e nua. E, mesmo nessa situação desesperadora, a ponto de Jesus repudiar tal postura, ela se recusava a receber de forma hospitaleira as investidas do noivo para renová-la, restaurá-la e fazer dela uma noiva ataviada para o dia da consumação do casamento.

APLICAÇÃO

"Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas" (v.22).

O chamado de Jesus para a comunhão não é, definitivamente, para os de fora da comunidade dos santos. É, antes, para aqueles que estão numa situação de adultério espiritual e que devem se arrepender.

10

CRISTO INSPECIONA A SUA IGREJA

Nada de palavras vazias

Marcos 11.12-14

Para ler e meditar durante a semana

D – Mt 23.13-36 – Cristo vê a hipocrisia; **S** – Mq 6.1-8 – O que Deus requer de nós; **T** – Sl 50.1-23 – Deus não se impressiona; **Q** – Mt 11.20-24 – Não se eleve; **Q** – Lc 18.9-14 – Presunção ou humildade; **S** – Mc 7.1-23 – Tradição não gera piedade; **S** – Mt 5.33-48 – Aprendendo a amar

INTRODUÇÃO

Estamos diante de um milagre estranho, em que Jesus se mostra "indignado" por uma figueira não ter frutos fora da época. Como havia folhagem e Jesus estava com fome, veio-lhe a esperança de achar figos.

Teria sido esse o sentimento de Jesus? Indignação? Teria sido essa maldição uma manifestação da sua ira?

Charles H. Spurgeon chamou este milagre de "parábola" (*Milagres e parábolas de nosso Senhor*. Hagnos, p. 530), como uma *parábola dramatizada*. Ou seja, Jesus viu, naquela ocasião, uma oportunidade de ilustrar um grande ensino aos seus discípulos que ficou registrado para nós, um milagre que é, ao mesmo tempo, uma parábola.

Esse mesmo milagre está registrado em Mateus 21.18-22, mas com diferença na ênfase do ensino. Enquanto Marcos apresenta a parábola dentro de uma cronologia, Mateus edita a parábola num contexto cujo interesse é direcionar o leitor a assuntos referentes às últimas coisas que hão de acontecer no mundo (Mt 21.28–22.46). Vamos começar nossa investigação com algumas respostas de antemão.

I. A IMPORTÂNCIA DOS FRUTOS

Jesus se apresenta como o Todo-Poderoso ao fazer o que fez. Não foi por estar inflamado de raiva que ele destruiu a figueira, mas ele a utilizou, com a liberdade que tem, para ilustrar uma das verdades mais profundas do cristianismo: que, sem frutos, ninguém poderá ver a Deus. O poder de Cristo era evidente, mesmo

em sua condição de *humilhação*, ou encarnado. Os evangelhos registram vários dos seus milagres e, como Senhor que é sobre a criação, também manifestou uma maravilha nessa ocasião.

Uma vez que não era tempo de figos, realmente não era de se esperar que fossem encontrados. Aquele momento deveria estar próximo da páscoa, em abril. Os brotos da figueira começariam a aparecer no final de março e estariam prontos para ser colhidos entre maio e junho. No entanto, havia algo incomum nessa figueira. Ela apresentava muita folhagem, e os frutos nascem junto com folhagem ou até antes. Diz o texto que Jesus estava com fome e, por isso, foi inspecionar aquela figueira na esperança de encontrar alguma coisa. Mas ficou desapontado.

II. CUIDADO PARA NÃO VIVER DE APARÊNCIA

Muitas pessoas que se declaram cristãs aparentam ter um compromisso sério com Deus e com a fé cristã, professam a verdadeira religião e amor a Jesus, mas, no momento de suas crises de relacionamento, financeiras e da vida em geral, recorrem a soluções antibíblicas. Primeiro porque não sabem manusear a Escritura e, segundo, porque, quando sabem o que devem fazer, não o fazem. Preferem dar mais atenção aos seus interesses egoístas.

É possível que, por algum tempo, as pessoas consigam enganar a igreja e os irmãos, mas isso não dura muito. Viver de aparência, como aquela figueira, não impressiona todas as pessoas o tempo todo, muito menos Aquele cujos olhos atravessam corações e investigam as intenções e as motivações do coração. Deus não pode ser enganado, nem por pouco tempo.

Viver de aparência acarreta pelo menos três pecados: orgulho, mentira e hipocrisia.

Orgulho – porque faz você se superestimar, faz você acreditar que as pessoas o olham e admiram como você gostaria que acontecesse, ou como você imagina. Além disso, viver de aparência o ilude a viver em concorrência com outras pessoas, querendo competir, ter uma família melhor, uma esposa ou marido com mais beleza, filhos mais bem educados, roupas melhores, uma condição de vida

superior. Mas será preciso convencer outras pessoas a que o admirem e queiram ser como você. *Mas tudo isso não passa de folhagem*.

Mentira – a mentira está em você aparentar aquilo que não é e não tem. É comum desconsiderar virtudes e amar a aparência das pessoas. Buscar ser virtuoso hoje em dia gera até deboche. Ser honesto, homem de uma mulher só – ou mulher de um homem só – viver com modéstia e moderação, adquirir um palavreado respeitoso e honorável, ser cortês, tudo isso não parece muito *legal*. O que importa hoje é ser "descolado" no linguajar, no vestir, no comportamento, o que geralmente leva a palavreado obsceno, piadas de duplo sentido e roupas que mais revelam do que escondem.

A mentira é uma ilusão que a pessoa escolhe viver. Ela mente para os outros e para si mesma, sugerindo possuir um caráter que nunca teve. A crise vem cedo, porque a mentira tem um prazo de validade muito curto. Logo, tais pessoas se ressentirão porque não têm a reputação que desejavam ou as amizades que ambicionavam. A mentira é uma fumaça que só espera o sopro da verdade para se dissipar. *A mentira não passa de folhagem*.

Hipocrisia – a hipocrisia é a arte de atuar. Os fariseus eram verdadeiros e incomparáveis artistas, porque arrancavam suspiros e admiração do povo quando se colocavam nas esquinas para orar, quando levantavam a voz com sua retórica e discursos inflamados de amor e devoção à lei de Moisés.

Quem vive de aparência não pode ser servo de Cristo: "Porventura, procuro eu, agora, o favor dos homens ou o de Deus? Ou procuro agradar a homens? Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo" (Gl 1.10); e é recusado por Deus: "[...] quanto àqueles que pareciam ser de maior influência (quais tenham sido, outrora, não me interessa; Deus não aceita a aparência do homem), esses, digo, que me pareciam ser alguma coisa nada me acrescentaram" (Gl 2.6). Quem vive de aparência será tão temporário quanto este mundo: "[...] a aparência deste mundo passa" (1Co 7.31). Quem vive de aparência não tem o coração puro diante de Deus: "Não nos recomendamos novamente a vós outros; pelo contrário, damo-vos ensejo de vos gloriardes por nossa causa, para que tenhais o

que responder aos que se gloriam na aparência e não no coração" (2Co 5.12). Quem vive de aparência não tem força, poder ou vitória sobre o pecado: "Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade" (Cl 2.23).

Aqueles que optam por viver dessa maneira poderão conquistar temporariamente a atenção dos outros. *Tudo não passará de folhagem*.

III. JESUS ABOMINA A HIPOCRISIA

Agora, se amamos o nosso Senhor, precisamos nos preocupar com aquilo que o desagrada. Certa vez, alguns fariseus julgaram bem a Jesus, quando disseram que ele não se importava com a aparência, mas até mesmo nisso eles estavam sendo falsos: "Chegando, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e não te importas com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens; antes, segundo a verdade, ensinas o caminho de Deus; é lícito pagar tributo a César ou não? Devemos ou não devemos pagar?" (Mc 12.14).

Jesus conhece a natureza humana, primeiro, porque ele é Deus e, segundo, porque ele foi tentado em todas as coisas, como nós, mas sem pecado. Mas, tendo sido tentado em todas as coisas, ele sabe o que é ser tentado pela aparência dos homens também. A diferença é que ele nunca cedeu a ela, mas manteve-se com a mente ocupada em agradar somente ao Pai e servir ao próximo, não como nós fazemos, vacilando, caindo e reaprendendo, mas com perfeição.

Por ter vencido a tentação de mostrar apenas folhagens, Jesus não só entende a nossa tentação, mas também nos garante o seu poder para vencê-la. Ele sabe o quanto a aparência deste mundo, as pessoas, amizades e autoridades exercem influência sobre nós. Ele sabe que somos pecadores e precisamos estar constantemente presos a ele: "[...] permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim" (Jo 15.4).

IV. JESUS IRÁ INSPECIONAR VOCÊ

Você consegue imaginar o olhar perscrutador de Jesus sobre você? Consegue imaginar seu olhar investigativo sobre a sua vida, passando por cada detalhe de suas palavras, conduta e pensamentos? E quando Pedro negou a Jesus pela terceira vez? O que aconteceu? Diz Lucas que o galo cantou e"[...] o Senhor fixou os seus olhos em Pedro" (Lc 22.61) e então Pedro se lembrou das palavras de Jesus, de que ele o negaria.

Aquela inspeção de Jesus levou Pedro a um amargo arrependimento. Ele sentiu uma dor e uma angústia indescritíveis, conhecidas somente por aqueles que se arrependem com grande tristeza dos pecados cometidos contra o seu Senhor. Em seu caso, os olhos de Jesus o levaram à mudança, à transformação e ao arrependimento sincero.

Não foi assim o olhar de Jesus para aquela figueira. Jesus poderia tê-la transformado, tê-la feito frutífera. Mas ele falava de um julgamento iminente, de um momento em que não haverá mais oportunidade ou chance de se arrepender. Jesus retratou naquela figueira o olhar de inspeção que ele dirigirá a cada um de nós no Dia do Julgamento.

Aquele que hoje se gaba da aparência, que confia em suas folhagens, que se protege em sua prosperidade, em sua saúde ou inteligência ou até mesmo em sua religiosidade, está perdido.

O que acredita que, por ser membro de uma igreja, cantar louvores e fazer suas longas orações estará salvo está perdido. Essa pessoa está próxima de um grande desapontamento, ao perceber que não é e nunca foi um verdadeiro filho de Deus.

Do mesmo modo como Jesus disse "nunca mais nasça fruto em ti", assim, a qualquer instante, ele poderá dizer para aqueles que confiam em si mesmos e se orgulham de si mesmos "nunca mais nasça fruto em ti" e fazer essas pessoas secarem para sempre. Era esse o perigo que as igrejas da Ásia, com exceção apenas de Esmirna e Filadélfia, estavam correndo.

CONCLUSÃO

Jesus vai julgá-lo. Ele colocará à plena luz a sua vida. Todos os seus segredos e mistérios estarão estampados diante dos seus olhos. Hoje é o dia em que você deve se preocupar com isso. Hoje é o dia em que o olhar de Jesus poderá levá-lo a um arrependimento verdadeiro. Nas lições anteriores destacamos a inspeção de Cristo sobre as igrejas da Ásia, o que nos serve de modelo para entender que, da mesma maneira, Jesus mantém o seu olhar perscrutador sobre cada igreja espalhada pela terra.

A minoria permanece fiel, enquanto a maioria insiste no pecado. Se assim for, que sejamos a minoria aprovada pelo Senhor.

APLICAÇÃO

Tendo consciência de que o olhar dele está, neste instante, sobre a sua vida, não resista, não tente esconder o que ele já conhece. Não se faça de desentendido com o Senhor. Ele o inspeciona *agora*, para trazer para fora tudo o que é condenável em você. Ele o purificará. Ele mesmo se encarrega de limpar o seu coração e a sua vida. Ele tem todo o interesse em fazer isso, porque veio para nos salvar e nos livrar da condenação resultante dos nossos próprios pecados.

UMA CONFISSÃO ALICERCE

A base para edificação da igreja

Mateus 16.13-20

Para ler e meditar durante a semana

D – Sl 62 – Esperança somente em Deus; **S** – 2Sm 7.1-17 – A aliança do Senhor com Davi; **T** – Mt 7.24-27 – Os dois fundamentos; **Q** – 1Pe 2.1-10 – A pedra viva e a nação santa; **Q** – 1Co 3.1-16 – Edifício de Deus; **S** – Ef 2.19-22 – Edificados sobre o fundamento; **S** – Sl 9 – Louvor ao Deus de justiça

INTRODUÇÃO

Jesus e seus seguidores caminhavam ao longo do rio Jordão, perto de Cesareia de Filipe, aproximadamente 40 quilômetros ao norte do mar da Galileia. Antigamente conhecido como Paneas, um centro de culto para o deus grego Pan, a cidade tinha sido rebatizada por Filipe, o tetrarca, em honra de si mesmo e do imperador César Augusto. Mateus e Marcos relatam que os discípulos estavam indo para essa região. Lucas diz que "Estando ele orando à parte, achavam-se presentes os discípulos" (Lc 9.18). Nesse contexto inicia-se o diálogo de Jesus com os doze.

Jesus agora está afastado das multidões, das controvérsias com os fariseus, escribas e outros adversários, das demandas diárias que recebia de todos que o buscavam para serem curados e libertos de opressão demoníaca. Nesse ambiente de oração privada, ele chama aqueles que estavam mais próximos, não para dar explicações quanto ao reino (Mc 4.33-34), mas para questioná-los sobre a identidade do rei (Mt 16.13-16) e o avanço do reino (Mt 16.17-19).

I. QUEM OS OUTROS DIZEM QUE É O FILHO DO HOMEM?

Jesus questiona os seus discípulos: "Quem diz o povo ser o Filho do Homem?" (v.13). Essa pergunta de Jesus já carrega uma identificação, que remete qualquer conhecedor das Escrituras judaicas ao livro do profeta Daniel (Dn 7.13-14). Nos Evangelhos, "Filho do Homem" é a identificação que Jesus atribui a si mesmo com maior frequência (Mt 12.40; 13.37; 17.22; 18.11; 24.44; 25.31; Mc 9.31; 10.45; Lc 5.24; 9.58; 17.24; Jo 8.28). Essa nomeação

identifica Jesus como o Filho de Deus (Sl 2.7,12) e como o rei ungido por Deus para dominar sobre as nações e receber a adoração dos povos (Sl 2.2,6).

Jesus está levando os discípulos a refletirem sobre a identidade do Messias tão esperado pelo povo de Israel.

A resposta deles foi: “Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas” (v.14). As opiniões em relação à identidade de Jesus estavam divididas. Alguns achavam que ele era João Batista, ressuscitado dentre os mortos. Essa era a percepção de Herodes Antipas (Mt 14.2). Os que achavam que ele era Elias o viam como precursor do Messias ainda por vir. Escritos apocalípticos judaicos diziam que seriam necessários vários precursores antes da chegada do Messias. Só Mateus menciona Jeremias. Segundo as respostas das pessoas, Jesus era um enviado de Deus, um profeta, comparando-o àqueles profetas intrépidos que denunciavam reis perversos e rebeldes. Sim, de fato, Jesus anunciava a Palavra de Deus (Jo 8.38; 12.49), mas ele está buscando uma resposta que só pode ser dada caso Deus revele “o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos” (Cl 1.26). O povo não havia reconhecido que o Filho do Homem já andava entre eles há cerca de 30 anos, e pouquíssimos o reconheceram como o Messias. Ele não estava apenas falando a palavra de Deus contra os governantes perversos da época. Ele era o rei enviado por Deus, que veio vencê-los, “[...] despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz” (Cl 2.15).

II. E VOCÊS, QUEM DIZEM QUE EU SOU?

Jesus questiona mais uma vez os discípulos, só que desta vez a pergunta é: “Mas vós [...], quem dizeis que eu sou?” (v.15). A pergunta foi feita a todos os discípulos ali. Contudo, Pedro se levantou como porta-voz do grupo, o que acontece muitas vezes (Mt 15.15-16; 19.25-28; 26.40; Mc 11.20-22; Lc 12.41; Jo 6.67-70; At 2.37-38; 5.29). A confissão direta de Pedro a respeito de Jesus foi: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (v.16). Naquele contexto amigável, Pedro confessa a verdadeira identidade de Jesus. No entanto, o tempo viria em

que essa confissão deveria ser dada diante de autoridades que seriam representantes das portas do inferno e que teriam como objetivo impedir esse reconhecimento (At 4.1-21; 5.17-32).

Simão Pedro declara que Jesus é o Filho do Deus vivo, o Messias prometido. Em muitos momentos, as coisas que Jesus dizia e fazia deixavam os discípulos confusos sobre a equivalência entre ele e Deus. A designação "Filho de Deus" remete à aliança feita entre Deus e Davi (2Sm 7). No versículo 14 está escrito: "Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho", indicando que o rei estava em uma relação especial com Deus, sendo um representante do povo. Jesus é da descendência de Davi, portanto, Filho de Deus, enviado como rei para reinar sobre um povo e fazer dele o instrumento para avançar seu reino no mundo, que jaz no Maligno.

III. A AFIRMAÇÃO DE JESUS

"Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus. Então, advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo" (v.17-20). Se Pedro havia respondido corretamente, que Jesus era o Messias, Jesus tinha uma palavra para Pedro também. Jesus afirma três coisas. **Primeiro**, que Pedro é bem-aventurado por reconhecer Jesus como o Filho do Deus vivo (v.17). **Segundo**, sobre qual fundamento o povo do Messias será edificado (v.18). E, **terceiro**, a autoridade dada a esse povo para fazer avançar o reino do Messias no mundo (v.19).

No versículo 17,o Mestre afirma que Simão é bem-aventurado por saber a verdade sobre Jesus, uma vez que essa foi uma revelação dada pelo Pai celestial. Jesus já havia dito isso quando, após proferir seus juízos contra as cidades impenitentes (Mt 11.20-24) exclamou: "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos

pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado" (Mt 11.25-26).
A revelação de que Jesus é o rei que julgará o mundo com justiça e os povos com equidade (Sl 9.8; At 17.31) é prerrogativa divina. Esse conhecimento não é obtido mediante "carne ou sangue", opiniões e especulações humanas, antes, Deus Pai, em seu desígnio secreto, dá a conhecer essa verdade apenas àqueles que ele deseja, visto que "não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia" (Rm 9.16).

No versículo 18, a declaração de Jesus, "tu és Pedro", faz um paralelo com a confissão de Pedro sobre Jesus, "tu és o Cristo". Agora que Pedro, pela revelação divina, identificou o Messias, Jesus diz quem Pedro é. O jogo de palavras no grego entre o nome de Pedro e a palavra pedra faz sentido somente se Pedro é a rocha e se Jesus está prestes a explicar o significado desta identificação. Dentro do cristianismo há três interpretações dessa passagem. A primeira identifica *Jesus* como a pedra; a segunda identifica *Pedro* como a pedra; e a terceira identifica a *confissão de Pedro* como a pedra. Ficamos com a última, pois a confissão de Pedro, e dos outros discípulos, é o fundamento sobre o qual o próprio Cristo edifica sua igreja. Não seria mais o templo de Jerusalém o lugar onde Deus habitaria, agora a igreja, que seria reunida pelo testemunho dos apóstolos, seria o "edifício para habitação de Deus no Espírito" (Ef 2.22).

Essa assembleia é constituída por um povo que está em continuidade com o povo de Deus da velha aliança. Esse povo do Messias, que está iniciando com esses doze homens, enfrentará oposição. Contudo, "as portas do inferno não prevalecerão" (v.١٨). O sentido é que as portas do inferno não resistirão contra a igreja, as portas da morte não dominarão ou destruirão a igreja. Esse povo não ficará na defensiva, amedrontado.
A linguagem é de guerra, a igreja avançará contra as muralhas e portões das cidades para derrubar e prevalecer contra o império das trevas (Ef 6.10-20).

Pedro recebe as chaves (v.19), sendo ele o porta-voz de todos os que confessam a Cristo (Jo 17.20). As chaves são a proclamação do perdão dos

pecados, que faz da pessoa que confessa um embaixador e torna a igreja uma embaixada de Cristo em território inimigo.

Mas o que exatamente se refere esse ligar e desligar? Jesus disse aos mestres da lei: "Ai de vós, intérpretes da Lei! Porque tomastes a chave da ciência; contudo, vós mesmos não entrastes e impedistes os que estavam entrando" (Lc 11.52).
O poder das chaves consiste em declarar o que pertence ou não ao reino de Deus. Essa autoridade foi dada aos apóstolos e à igreja edificada sobre o testemunho deles (At 2.42; Ef 2.20-22).

Ao contrário do reino messiânico esperado por muitos judeus, Jesus anuncia algo diferente. A igreja é o instrumento por meio do qual Cristo avança seu reino no mundo. Por meio de seu testemunho, a vontade de Deus é feita na terra como é feita no céu (Mt 6.10). Com a vinda do Messias, o governo do céu irrompeu na terra (Mt 12.28; Lc 11.20). O que é feito pela igreja tem implicações escatológicas, ou seja, Cristo usa a igreja para submeter os seus inimigos (1Co 15.25; Hb 10.13) e continuar despojando Satanás (Mc 3.27), avançando o reino de Deus com a confissão do rei Jesus.

IV. A ORDEM DE JESUS

No versículo 20 encontra-se uma ordem que, à primeira vista, parece contradizer tudo o que Jesus disse anteriormente. "Então, advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo" (v.20). Esse segredo quanto à sua identidade está presente em muitos momentos nos evangelhos. Vemos isso com frequência no Evangelho de Marcos (Mc 1.34; 1.44-45; 3.11; 4.10-13; 5.43; 6.52; 7.36; 8.26; 9.9). O objetivo de Jesus era que os sinais — parábolas, curas, exorcismos e ressurreições— evidenciassem que o reino dos céus havia chegado. Esses sinais apontavam para as pessoas as promessas das Escrituras, para que, assim, elas respondessem corretamente à pergunta: "Quem vocês dizem que eu sou?".

Os discípulos são instruídos a manter silêncio. Agora eles sabem, pela revelação divina, quem Jesus, de fato, é. Contudo, não devem, até o momento certo (At 2.1-4), revelar a Israel a identidade de Jesus. O intuito desse segredo é

garantir que os discípulos não identifiquem Jesus de forma nacionalista, como um rei-conquistador, e negligenciem o servo sofredor (Is 53.13-53). A missão de Jesus descrita nos versículos seguintes (Mt 16.21-23) ainda não havia sido entendida pelos discípulos. Somente após a ressurreição eles entenderiam que o Rei veio para morrer e ressuscitar e, assim, receber toda autoridade no céu e na terra e comissionar a igreja em sua missão até os confins da terra (Mt 28.18-20).

CONCLUSÃO

A confissão de Pedro é a confissão de toda a igreja de Cristo. Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, aquele que havia sido prometido, o próprio Deus feito homem que veio dar a vida para salvar sua igreja. A igreja de Cristo precisa amar sua confissão e anunciar ao mundo a salvação em Jesus.

APLICAÇÃO

A igreja tem o chamado e o privilégio de não somente crer em Cristo, mas também de anunciar a mensagem salvadora do reino de Deus. Qual é o grau de firmeza da sua fé em Jesus? Qual o nível do seu envolvimento pessoal na pregação do evangelho? O que você pode fazer para ter uma fé mais vigorosa e um compromisso maior com a evangelização?

A igreja

"Gloriosas coisas se têm dito de ti, ó cidade de Deus!" (Sl 87.3). "Cidade de Deus" é uma das muitas metáforas bíblicas para a igreja. Expressa a segurança dessa comunidade, cercada de muros altos e segura por trás de portões fortes, e aponta para seu *status* exaltado como lugar de residência de Deus entre os homens. Quais são as coisas gloriosas que se dizem sobre essa cidade? *Em primeiro lugar,* seu lugar singular no amor e propósitos eternos de Deus; *em segundo lugar*, os direitos e privilégios que Deus concede aos seus membros na aliança da graça; *em terceiro lugar*, as promessas que Deus fez de dar-lhe todas as coisas boas e protegê-la de todo mal ou transformá-lo para seu proveito; *por fim*, as profecias que Deus deu em relação à sua plantação e ao seu florescimento na terra e sua glória final em Cristo.

A palavra *igreja* é usada 112 vezes na nossa Bíblia para traduzir a palavra grega ekklesia, que significa "aquilo que foi separado" ou "assembleia". A palavra para igreja em inglês, *church*, é derivada de outra palavra grega que é usada apenas duas vezes no Novo Testamento, kuriakos, um adjetivo usado para caracterizar algo como "pertencente ao Senhor", seja a Ceia do Senhor (1Co 11.20) ou o sábado cristão, o "dia do Senhor" (Ap 1.10). Em nosso uso linguístico, a palavra se aplica ao corpo daqueles que pertencem ao Senhor, a suas assembleias para a adoração pública e aos lugares em que estas se

reúnem. Por isso, dizemos que os cristãos *são* a igreja, *vão* à igreja e *se reúnem numa* igreja.

Além desses significados básicos, existe também uma doutrina da igreja (“eclesiologia”) que percorre todas as Escrituras. A igreja aparece pela primeira vez, por via de implicação, em Gênesis 4.26 e, depois, de forma mais direta, nos lares dos patriarcas. A partir desses pequenos princípios, ela cresce e se transforma numa nação de doze tribos e famílias de incontáveis membros, persistindo durante muitas gerações até a vinda de Cristo. Sob a influência do evangelho, suas fronteiras são ampliadas até os confins da terra, de modo que se transforma em companhia dos remidos para Deus pelo sangue de Cristo “de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9).

Em 1Pedro 2, o apóstolo recorre a essa eclesiologia bíblica para mostrar que tudo o que valia para a igreja sob a lei vale também para a igreja sob o evangelho, mas em medida mais exaltada. O templo terreno, por exemplo, feito por mãos humanas, foi substituído por uma “casa espiritual”, construída de “pedras vivas”. Sob a lei, a igreja tinha um sacerdócio; sob o evangelho, toda a igreja é um “sacerdócio real”. Sob a lei, os membros da igreja ofereciam sacrifícios animais a Deus; sob o evangelho, esses sacrifícios físicos foram substituídos por “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo”.

Pedro arraiga a igreja de ambos os testamentos no eterno decreto de Deus que predestina e elege seus membros para a vida eterna e a glória em Cristo. Por isso, a igreja é uma “raça eleita”, uma referência à adoção de seus membros como filhos e filhas de Deus em consequência de sua eleição eterna em Cristo, que é a “pedra angular principal” da igreja como templo verdadeiro de Deus.

Pedro é tão zeloso quanto Paulo ao garantir aos cristãos gentios a sua inclusão plena na “santa nação” e no “povo de propriedade exclusiva” (cf. Ef 2.11-22). Existe, portanto, uma continuidade entre a igreja sob a lei e a igreja sob o evangelho. As únicas diferenças são a substituição das coisas inferiores, físicas, terrenas e temporais por coisas espirituais, celestiais e eternas e a extensão dos direitos e privilégios dos poucos aos muitos (1Pe 2.10).

Muitas vezes, o Cristianismo é reduzido a um relacionamento pessoal com Cristo. Mas todos que pertencem a Cristo são destinados a juntar-se à igreja e a unir-se a ela em sua profissão da religião verdadeira. Deus quer que recebamos os meios da graça dispensados por seus ministros e vivamos sob o governo e cuidado de presbíteros que Cristo escolheu para alimentar suas ovelhas (1Pe 5.1-4). Grande bênção é prometida àqueles que amam a igreja e oram por sua paz e seu bem-estar (Sl 122.6-9).

Bíblia de Estudo Herança Reformada

12

A IGREJA CRESCENDO EM HARMONIA

... cada um com seu dom

Efésios 4.13-16

Para ler e meditar durante a semana
D – Ef 1.1-23 – O deu à igreja; **S** – Ef 2.1-22 – Igreja salva pela graça; **T** – Ef 3.1-21 – Fomos chamados; **Q** – Ef 4.1-32 – Vestindo a nova roupa; **Q** – Ef 5.1-21 – Imitando Cristo; **S** – Ef 5.22–6.1-9 – Todos ligados a Cristo; **S** – Ef 6.10-24 – Prevenidos do mal

INTRODUÇÃO

Em nossos dias, um fenômeno tem ocorrido com muita frequência nas igrejas. A pessoa sai da igreja, começa a frequentar outra mais *legal*, mais divertida, mais animada e se sente bem lá. Mas ela cansará de lá também, porque ficará desnutrida pela falta da Palavra da verdade, então vai para outro lugar. E, assim, será jogada de um lado para o outro, por qualquer vento de doutrina. Nunca firmará os pés em lugar nenhum, até, finalmente, desistir das coisas de Deus e não mais se interessar pela Bíblia, pela igreja, pela oração ou por Jesus.

Deus não deseja que nenhum filho seu experimente essa instabilidade, por isso nos doou a verdade, o seu Filho e nos deu uma família da fé.

I. PARA A UNIDADE DA FÉ

A partir de Efésios 4 Paulo discorre sobre o que é andar de modo digno de nossa vocação (v.1), que ele coloca primeiro em termos de unidade (4.2-16); depois, em termos de santidade (4.17–5.14); e, depois, de submissão mútua (5.15–6.9).

No v.11, Paulo dá destaque a cinco dons específicos de liderança e ensino, *dons pedagógicos*, que foram estabelecidos por Deus para dar manutenção à unidade da igreja, enraizados no conhecimento de Cristo "[...] com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo" (v.12).

No v.13, Paulo estabelece o ideal, "até que". Esse ideal é o que estabelecemos como meta de algo ainda não alcançado. Nós queremos a unidade da fé, porém,

ela ainda é imperfeita. Ela é real, ela existe, mas ainda não é plena. Os dons que Deus concedeu foram dados com esse propósito. Repare, portanto, que todas as coisas que fazemos na igreja, a reunião, a pregação, o ensino e a evangelização, tudo tem o propósito de consolidar a unidade da fé.

Isso nos induz a concluir que qualquer exercício, trabalho ou programação desenvolvidos na igreja tem de servir para o fortalecimento da unidade da fé. Além disso, a identidade dessa unidade *é a fé*. Paulo recupera o v.5 aqui. Ele poderia ter dito "unidade de Cristo", "unidade do batismo", "unidade do corpo" ou mesmo "unidade do Espírito", como está no v.3, mas ele destaca *a fé*.

Não há como desvincular Cristo e a fé. Então Paulo fala de uma unidade de confiança em Cristo. A fé não apenas nos identifica como um povo exclusivo, mas também nos apresenta o alvo, que é o próprio Jesus; nós nos unimos por meio dele e para ele, para a exaltação do nome dele. Cristo nos deu a fé, nos fortalece na fé e a direciona para si mesmo. Esse é o segundo propósito que Paulo destaca.

II. PARA O PLENO CONHECIMENTO DE CRISTO

Sobre o conhecimento de Cristo, Paulo retoma o que já havia dito (3.18-19). Ele quer que todos sejam conduzidos ao conhecimento pleno de Cristo (Cl 1.28). Chegar ao conhecimento de Cristo é uma jornada para toda a nossa vida. Não somos evangelizados de uma vez para sempre, mas temos de nos deixar evangelizar todos os dias; receber Cristo foi um ato único para recebermos os benefícios da salvação, a justificação e o novo nascimento. Contudo, temos o dever cristão de nos revestir de Cristo todos os dias.

Sermos revestidos de Cristo implica assumir a cada dia nova postura, nova linguagem, enfim, implicar vivermos em novidade de vida. Viver em novidade de vida não é um moralismo seco de cumprimento de leis e obrigações, mas resulta de amarmos a Cristo e desejarmos ardentemente ser como ele. O moralista não ama, ele faz aquilo que pensa ser a sua obrigação. Nós não devemos ser assim, devemos agradar a Cristo porque o amamos.

III. PARA SEGUIR O MODELO DE CRISTO

A perfeita varonilidade, a medida e a estatura de Cristo são expressões que nos trazem à mente desejar ser como alguém que é físico, que tem peso e medida. Muitas pessoas se esforçam bastante para se adequarem aos padrões sociais. Pense, por exemplo, no imenso esforço que as pessoas fazem para se adequarem ao padrão de beleza ou de sociabilidade. Segundo Paulo, o padrão ao qual o cristão deve procurar se adequar é o próprio Cristo.

Isso significa que o salão de beleza, os costumes sociais, a vida das celebridades, as ideologias políticas ou qualquer outra coisa não podem ter mais valor para você do que a imitação de Cristo. O apóstolo João nos adverte: "Não ameis o mundo, nem as coisas que há no mundo"(1Jo 2.15). O amor pelo mundo rouba do nosso coração o amor que é devido somente a Deus.

Deus formou a igreja para que nela sejamos conduzidos ao conhecimento e à semelhança contínua e progressiva de Cristo. Somos chamados à perfeita varonilidade, isto é, a sermos como o Varão Perfeito. Nenhum pecado foi encontrado em Jesus Cristo, nenhuma falha, nenhuma fraqueza imaginável – tudo isso nós conhecemos bem. Durante o seu tempo na terra, ele sempre foi o Varão Perfeito e nós estamos num processo de edificação que o tem como alvo.

Se buscarmos crescer como pessoas à semelhança de Cristo Jesus, seremos maduros, firmes e corajosos para defender o que é reto perante Deus e não nos deixaremos levar por qualquer engano deste mundo. Por isso, Paulo adverte contra a superficialidade (v.14).

IV. PREVENÇÃO CONTRA A SUPERFICIALIDADE

Paulo não retrata os não crentes, mas crentes que não crescem e facilmente são enganados, porque são fracos e não conhecem Cristo como deveriam (v.14). Muitas coisas superficiais podem estar no seu coração quando você vai aos cultos: consolo imediato para as suas angústias, entretenimento para uma alma abatida e monótona, resposta rápida para os seus dilemas, etc. Muitos lugares apresentam respostas rápidas e fórmulas para o sucesso como se fossem receita de bolo, ou oferecem momentos de leveza, sensações incríveis e altamente

emocionais, ou ainda momentos de risadas e divertimento com danças, animações e alegrias diversas.

Paulo nos mostra algo muito superior a tudo isso. Ele nos ensina o que ocorrerá se nos basearmos em Cristo, o sólido fundamento, se saturarmos a nossa mente com a sua doutrina e buscarmos dia a dia pensar, falar e agir como Cristo: seremos felizes em Deus, seremos fortes e resistentes contra o mal e contra as adversidades. Viveremos em profunda e genuína alegria, que não dura apenas uma noite, mas permanece em nosso coração, ainda que vivamos os conflitos mais angustiantes.

Por essa razão, a primeira coisa que Cristo faz quando vem ao encontro do pecador é destruir o seu velho homem, o seu eu, porque só assim poderá nascer um novo homem, gerado pelo Espírito Santo. Depois disso, vem o processo de amadurecimento, que não é igual em todos, porque o grau de interesse, curiosidade e pressa em estar com Deus não é o mesmo em todos os crentes. Assim, nos lembramos da igreja de Éfeso (Ap 2.1-8), que embora madura e bem fundamentada, se cansou devido ao tempo, às perseguições e às dificuldades que suportou. Essa mesma igreja – para quem Paulo está escrevendo após se passarem mais de 30 anos – se esqueceu dessas verdades fundamentais.

Paulo quer evitar que sejamos como meninos, agitado de um lado para o outro. Se não firmarmos os nossos pés em Cristo, se não vivermos em dependência dele, mas, ao contrário, se insistirmos em ver Cristo como uma religião de narcóticos – isto é, que só serve para anestesiar e dar momentâneas alegrias –, então, diz o texto, não cresceremos "em tudo naquele que é a cabeça, Cristo" (4.15).

Segundo Paulo, há muitos que andam enganando, apóstolos fraudulentos, pastores mentirosos, profetas de visões falsas, corja de ladrões e mercenários que não conhecem a Deus e impedem as pessoas de conhecê-lo. Não se deixe enredar pelas doces palavras deles. Não se deixe seduzir, e tome cuidado, porque o seu coração, muitas vezes, pela busca da satisfação imediata, tentará induzi-lo a buscar essas coisas.

Paulo usa a palavra astúcia. Ele havia dito aos coríntios que não trabalhava com astúcia: "[...] pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade" (2Co 4.2).

Ele faz essa advertência para que o diabo não venha cantarolar em nosso ouvido, tentando nos fazer acreditar em ensinos enganosos e em pregadores enganadores: "[...] receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo" (2Co 11.3). Para que isso não aconteça, ele nos chama para crescermos em Cristo.

V.CRESCENDO EM CRISTO NA UNIDADE DA FÉ

A prevenção contra todos esses enganos é crescer na graça e no conhecimento de Cristo (v. 15-16; 2Pe 3.18). O caminho para não andarmos na trilha do mundo é seguirmos a verdade em amor. O apóstolo Paulo apresenta um crescimento de duas vias. Ele diz "cresçamos" (v.15), colocando a responsabilidade em nossas mãos, mas também diz "de quem" (v.16), referindo-se a Cristo, porque, nele, o corpo cresce em todas as juntas e ligaduras na exata proporção. Ou seja, toda energia de cada partícula do corpo depende diretamente da ação soberana de Cristo. Portanto, ao mesmo tempo em que devemos oferecer para Deus o melhor de tudo o que está sob a nossa responsabilidade, não existe nenhum crescimento na igreja e nenhuma união que se sustente sem a direta atuação do poder de Cristo fluindo em nós (Cl 2.19). A verdade deve ser aquilo que desejamos (Sl 25.5; 86.11; Pv 23.23).

Este é o desejo ardente dos santos: a verdade. Se você quer fugir da superficialidade, ame a verdade e dedique toda a sua energia para conhecê-la, buscá-la e alimentar-se dela todos os dias. Faça isso em amor, conforme diz o texto.

"Em amor" significa que não é por obrigação, não é para alívio de consciência, mas porque você ama fazer isso. Precisamos deixar de amar as coisas que não

importam. Amamos o sono, a preguiça, o lazer, o descanso, a letargia. Isso sem falar nos amores proibidos e no amor pela perversidade e pelo engano. Precisamos aprender a amar a verdade e desejá-la com todo vigor, porque, em primeiro lugar, o amor pela verdade honra a Deus e o glorifica; e, em segundo lugar, a verdade sabe recompensar quem a busca.

Quem busca a verdade, quem busca a Cristo, experimenta o que não se encontra em parte alguma deste mundo. Nada pode se comparar à presença poderosa e gloriosa de Cristo, porque, com ele, até um vale seco se torna um manancial (Sl 84).

CONCLUSÃO

Na música "O fim da espera", de 1984 (Grupo Logos), é feito um compromisso: "Enquanto o Salvador não vem/Quero fazer da minha vida o melhor". Jesus ainda não voltou, mas está a caminho, e, até que ele venha, a recomendação bíblica, de acordo com o que aprendemos nesta lição, é prosseguir na edificação. Neste trabalho de parceria, o Senhor permanece enviando seu poder, sua graça, seu Espírito, enquanto nós, como seu povo, permanecemos nos fortalecendo, obedecendo e crescendo em uma vida de unidade, entendimento e obediência.

APLICAÇÃO

Viver com Cristo implica viver com a igreja, seu corpo e sua noiva. Então, aprenda a cultivar amor sincero e ardente pelo povo de Deus. Use seus dons e talentos para ser bênção para seus irmãos. Ame também a verdade, ainda que ela o confronte, e se aproveite dela para ser edificado e glorificar a Cristo.

A COLUNA E BALUARTE DA VERDADE

A igreja debruçada sobre a Escritura e dedicada a sua proclamação

1Timóteo 3.14-15

Para ler e meditar durante a semana
D – Êx 20.1-17 – A vontade revelada de Deus; **S** – Dt 10.1–11.7 – Obediência e amor; **T** – Dt 11.8-32 – As consequências de conhecer a verdade; **Q** – Pv 8.1-36 – Ouça a sabedoria; **Q** – Jo 5.1-47 – Jesus é a verdade; **S** – Jo 8.12-59 – Jesus não mente; **S** – 2Co 10.1-18 – Sujeitando o entendimento

INTRODUÇÃO

Paulo escreve sua carta a Timóteo para instruí-lo sobre como proceder como ministro do evangelho, mencionando um pouco das suas experiências. As orientações atingiam várias áreas da vida pessoal do pastor. As exortações são constantes e pertinentes e caracterizam, predominantemente, a forma de ensino. Ao longo da carta, Paulo mostra a relação entre a igreja e a verdade, chegando a chamá-la de coluna e baluarte da verdade. Mas o que é isso? O que Paulo queria ensinar a Timóteo ao dizer isso?

I. A IGREJA PRESERVA A VERDADE

Foi em meio a toda essa agitação que Paulo encontrou tempo para discipular Timóteo, à distância. Ele já queria prepará-lo antecipadamente: "[...] para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade". O procedimento no meio do povo de Deus deve ser puro, santo e irrepreensível. O comportamento do pastor deve espelhar os mais altos conceitos e virtudes, de maneira que a sua vida antecipe as suas palavras.

Ao falar de igreja, Paulo não trata de outra coisa senão da comunhão dos santos. Ele não está falando de prédio ou casa nem está ensinando sobre o comportamento que se deve ter no templo. Ele está falando de todo aquele que confessa Jesus como seu Senhor (1Co 6.19; Ef 2.22).

Timóteo, certamente, passaria pelas tribulações comuns de todos os pastores. A provação se torna cada vez mais difícil em proporção aos vários desafios do

ministério, e o pastor deve se manter sempre sóbrio e equilibrado. O peso da responsabilidade é grande, tendo em vista o papel que ele tem a desempenhar. A igreja não é uma entidade governamental ou um mero grupo de amigos. A igreja é o corpo de Cristo, é a comunidade de todos os remidos. É o único lugar na terra onde a verdade salvadora é encontrada. Por isso Paulo a chama de coluna e baluarte da verdade.

A. Coluna

Coluna é aquilo que dá sustentação e segurança. A ideia é de dependência. Um teto sem uma coluna forte e firme fica propenso a desabar. Não é a verdade que depende da igreja, é a igreja que depende da verdade. Não há igreja sem *a* verdade, e Deus a escolheu para confiar-lhe a sua revelação. O povo de Israel foi o recipiente da revelação divina no Antigo Testamento, e hoje, da mesma forma, a igreja é a recipiente da revelação de Deus, a quem foi comunicada a verdade.

Quando fala sobre a verdade, Paulo tem o evangelho em mente. A verdade é a revelação de Cristo, como Jesus mesmo afirmou: "Eu sou o caminho, e a *verdade*, e a vida" (Jo 14.6a). Foi isto que João Batista afirmou sobre Jesus, que ele veio para testemunhar a verdade (Jo 5.33). Tudo o que saiu da boca de Cristo condizia com isso, conforme a sua resposta a Pilatos: "Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz" (Jo 18.37).

Sendo Cristo a verdade, a igreja cumpre o seu papel de coluna quando coopera em favor dela, como disse João: "[...] para nos tornarmos cooperadores da verdade" (3Jo 8). A igreja, portanto, é o meio gracioso de Deus para preservar e defender a revelação. Esse dever não compete a reis, governantes poderosos ou a magistrados, mas somente ao povo de Deus; de maneira mais particular, aos pastores, porque a eles é confiado o ministério da Palavra.

B. O evangelho é independente

A igreja é coluna porque detém o evangelho. Ele não precisa do apoio de pregadores, do auxílio de conselheiros e nem mesmo da comunidade dos santos. O evangelho vive por si mesmo. No entanto, a igreja, sim, ela depende, carece e

subsiste somente pelo vigor e poder que emergem do evangelho e se espalham por todo o povo de Deus.

O evangelho é a alma da igreja, pois ela não terá vida se ele for abandonado, barateado ou trocado. Foi esse o risco que pudemos observar nas igrejas de Pérgamo, que flertava com as doutrinas de Balaão, e Tiatira, que tolerava as mentiras de Jezabel como se fossem verdades bíblicas.

I. A IGREJA DISSEMINA A VERDADE

A. Fiel é a pregação da Palavra

Uma das mais importantes marcas da igreja fiel, destacadas pelos reformadores, é a pregação da Palavra. Para cumprir sua função de coluna e baluarte, a igreja tem de fazer conhecida a verdade. A Palavra de Deus tem de ser ouvida e obedecida (2Tm 4.2). As cartas pastorais (1Tm, 2Tm e Tt) fazem, pelo menos, 20 referências à educação e ao ensino, o que é muito significativo.

O ministro deve: admoestar na doutrina correta (1Tm 1.3-7); ser apto para ensinar (3.2); não ser neófito (3.6); ser expositor da Palavra (4.6-7); ser mestre e professor (4.11); leitor aplicado (4.13). A segunda carta diz que ele deve guardar o depósito (1.13-14); ser um instrutor (2.2); manejar bem a Palavra (2.15); ser apto para instruir (2.24); perseverante no aprendizado (3.14); habilitado em tudo pela Palavra (3.15-17); deve pregar a todo tempo (4.2).
A Tito, Paulo diz que deve ser um bom despenseiro (1.7); apegado à Palavra e ter poder para convencer (1.9); falar o que convém à sã doutrina (2.1); e ter integridade e reverência no ensino (2.7).

Essa ênfase apostólica é a que deve permear a consciência de um pastor. O pastor deve se enquadrar nas prerrogativas do ministério e absorver os conceitos bíblicos sobre suas variadas funções.

B. Baluarte

Baluarte é fortaleza, é lugar de defesa. Paulo usa essa figura para mostrar que a igreja é um quartel onde se retém o ensino verdadeiro. Se alguém quer ouvir a verdade e conhecer a Deus, é na igreja que deve encontrar esse apoio, porque o

sustentáculo da igreja é Cristo, conforme as palavras de Paulo: "[...] ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo" (1Co 3.11).

Portanto, uma igreja fiel assumirá para si os princípios e o caráter do Senhor Jesus. A igreja não se molda ao sabor do tempo e nem do pastor, mas à vontade e ao decreto do cabeça. Um pregador tem de pregar Cristo (2Co 4.5), e, como os membros, deve assumir o caráter de Cristo (2Co 10.5).

No capítulo seguinte, Paulo orienta Timóteo quanto à apostasia dos últimos dias, quando o ministério se tornará mais estreito e a vida da igreja, mais angustiante. Qual seria a segurança de Timóteo, que deve ser a mesma de todos os pastores? Conforme os v. 6-16, é a doutrina bíblica, o único fundamento sólido sobre o qual o pastor deve apoiar e confiar todo o seu ministério.

A disseminação do evangelho provoca agitação na vida íntima das pessoas. Elas ouvem, se questionam, sentem muita raiva ou humilhação, mas, quando se curvam diante da verdade, elas experimentam uma maravilhosa transformação, porque recebem a verdadeira vida.

II. A GLÓRIA DA IGREJA

Num hino de adoração e exaltação, Paulo agora apresenta o mistério insondável da revelação de Cristo. Paulo inicia falando sobre um grande mistério. É difícil, numa primeira leitura, entender aqui o vínculo dos v.15-16, mas a palavra "evidentemente" faz essa ligação.

Paulo usa esse termo para testificar, de maneira inquestionável, sobre a verdade, antes misteriosa. Isto é, aquilo que antes estava em oculto, agora está em evidência, e essa evidência é tão cristalina que não há meios de desmenti-la.

A igreja será coluna e baluarte da verdade somente enquanto confessar esse mistério que agora está revelado, o mistério da piedade. Piedade, para Paulo, sempre está associada ao caráter cristão e à devoção particular que cada um deve a Deus. Portanto, o fundamento para exercitar uma vida na igreja, sob os mandamentos de Deus é, sem dúvida, a piedade. Então temos diante de nós seis proposições com respeito a esse mistério da piedade, que é a obra de Cristo.

(1) “Aquele que foi manifestado na carne” (Jo 1.14; 1Jo 1.2). A manifestação de Cristo pressupõe a sua preexistência. Ele veio ao mundo, se encarnou, tornando-se um de nós. Ao assumir a natureza humana, Cristo se identificou conosco, e foi dessa maneira que ele resgatou sua igreja.

(2) “...foi justificado no espírito.” Uma clara alusão à ressurreição. Ao completar a sua obra, Cristo se sujeitou à humilhação na cruz, a fim de dar vida àqueles que estavam mortos. Para que a igreja tivesse a esperança da ressurreição, Cristo tinha de cumprir a sua obra cabalmente. Ele fez isso, o que lhe deu total aceitação e aprovação da parte do Pai (Rm 1.4).

(3) “...contemplado por anjos.” A glória de Cristo é tão grande que os próprios anjos do Senhor o cercam e o adoram. Nos Evangelhos, encontramos o acompanhamento dos anjos. O anjo Gabriel anunciou a Maria o nascimento do Salvador; na ressurreição, lá estava o anjo assentado, explicando a Maria Madalena tudo o que havia acontecido. Nessa contemplação entendemos a sujeição dos anjos a Cristo (Hb 1.13).

(4) e **(5)** “...pregado entre os gentios, crido no mundo”. Isso nos traz à memória a passagem em que Cristo foi requisitado pela mulher siro-fenícia e ela clama ao Senhor que expulse o demônio de sua filha. Ele responde: “[...] não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos” (Mc 7.27). Essa dura resposta apenas comprova que a prioridade do nosso Senhor era a casa de Israel. No entanto, ele estende a sua mão para a pobre mulher, porque ela reconheceu a sua distância dos judeus e deu uma resposta de fé: “Sim, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças” (v.28). Foi como se ela tivesse dito: “Não tem problema se o Senhor só me der migalhas, porque eu sei que elas serão suficientes para mim. Bastam-me as migalhas”. Era uma gentia, mas Cristo a atendeu por causa de sua fé. Ele mesmo afirmou diante dos judeus: “Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor” (Jo 10.16). Tudo isso comprova a profecia de Isaías de que a luz brilharia também entre os gentios.

(6) “...recebido na glória”. A ascensão de Cristo marca o término de sua obra, a conclusão de sua estada na terra e a esperança da Igreja. Por isso, os anjos disseram aos discípulos: “Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir” (At 1.11).

É evidente que toda essa doutrina fundamenta e sustenta a igreja. Essa é a sua glória, pois pela verdade, ela é nutrida, abençoada e abençoadora. Essa é a verdade que salva o pecador, que sustenta o crente, que deve estar nos lábios do pregador, que deve consolar e educar o povo de Deus.

CONCLUSÃO

A igreja é a coluna e baluarte da verdade, a preservadora e a disseminadora da verdade. A verdade não fica retida na igreja, mas é divulgada, publicada e anunciada. O fundamento da igreja é Cristo, e somente sobre essa base a igreja pode ser edificada.

APLICAÇÃO

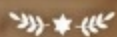
Não cometa o erro de imaginar que você pode ter uma vida cristã agradável a Deus longe da igreja. Por mais defeitos que a igreja tenha, e sempre terá, ela é o povo escolhido de Deus. Se você foi ofendido, perdoe; se você falhou com alguém, peça perdão; se a pregação do pastor não tem lhe agradado, verifique se você não está vivendo em pecado; se você não gosta das pessoas da igreja, significa que você está se considerando “santo” demais para ela? Analise sua vida à luz da Palavra e se mantenha firma na igreja.

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
Fone (11) 3207-7099
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br
0800-0141963
SUPERINTENDENTE
Haveraldo Ferreira Vargas
EDITOR
Cláudio Antônio Batista Marra
EDITORES ASSISTENTES
Eduardo Assis Gonçalves
Márcia Barbutti de Lima
PRODUTORA
Mariana dos Anjos Esteves

IGREJAS EM APUROS

Lições das sete igrejas do Apocalipse

AUTORIA DOS ORIGINAIS DOS ROTEIROS DO ALUNO
Mauro Filgueiras Filho (1,3-4,6-7,10,12-13) e Natan Fantin (2,5,8-9,11)
AUTORIA DOS ORIGINAIS DOS ROTEIROS DO PROFESSOR
Vagner Barbosa
REVISÃO
Vagner Barbosa, Denis Benjamin Silveira e Cínthia Vasconcellos
FORMATAÇÃO
Felipe Marques
CAPA
Magno Paganelli

Organizadores
Darrell L. Bock
e Mitch Glaser
O Messias na
Páscoa
A tradição judaica por trás
da figura do Messias e da Páscoa

O Messias na Páscoa

L. Bock, Darrell
9786599044243
432 páginas

O Messias na Páscoa é para quem quer explorar as tradições da Páscoa e aprofundar sua compreensão dos vínculos entre a Páscoa, a Última Ceia e a Comunhão. Este livro de referência da Páscoa discute questões bíblicas e teológicas, história judaica e da igreja e tradição rabínica. Também inclui uma Hagadá da família messiânica (guia da Páscoa), além de receitas e lições de Páscoa para as crianças. Recursos adicionais e vídeos instrutivos para celebrar a Páscoa em casa ou na congregação estão disponíveis em messiahinthepassover.com. A Páscoa tem um grande significado para os seguidores de Jesus e oferece uma maravilhosa oportunidade para ensinar adultos e crianças as poderosas verdades da redenção. Os crentes serão fortalecidos sabendo que adoram um Deus que cumpre suas promessas e permanece sempre fiel.

O PRIVILÉGIO E A RESPONSABILIDADE DOS QUE PREGAM
SERVOS ORDENADOS
Jesus e
as crianças
Confrontando o
Neopaganismo
na Cultura e
na Igreja
As Institutas
– Capítulo
XVI.3–4
Bem vindo
à Reforma

Compre agora e leia

Vocação Perigosa
Os tremendos desafios do ministério pastoral
PAUL TRIPP

Vocação perigosa

Tripp, Paul
9788576229223
192 páginas

[Compre agora e leia]

Depois de viajar ao mundo e falar em milhares de igrejas em todo o mundo, Paul David Tripp descobriu um sério problema na cultura pastoral. Vocação Perigosa revela que a cultura em torno de nossos pastores é espiritualmente insalubre – um ambiente que mina ativamente o bem-estar e a eficácia dos líderes da nossa igreja e, portanto, todo o corpo da igreja. Aqui está um livro que diagnostica e oferece curas para questões que afetam cada membro e líder da igreja, e dá estratégias sólidas para combater a guerra tão importante que hoje se agrava em nossas igrejas. "Se você esteve no ministério por 20 minutos ou 20 anos, eu recomendo Vocação Perigosa a você. Aproxime-se com oração, apaixonadamente, e esteja preparado para a mudança que Deus fará em seu coração, vida e ministério." James MacDonald, Pastor da Harvest Bible Chapel, Rolling Meadows, Illinois "Vocação Perigosa é um livro perigoso. É também um livro que cada pessoa no ministério deve ler. Ele lhe trará convicção maciça se você o lê com humildade. Peça a Deus para expor os pecados profundamente escondidos em seu alma. Ele corta, mas também fornece remédios bíblicos para a cura. Eu adoraria colocar este livro na mão de todos os seminaristas que caminham no meu campus." Daniel L. Akin, presidente do Southeastern Baptist Theological